



DL-01

Ses. Esp. II. 23/05/13

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Boa-tarde a todas e a todos.

Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração ao Dia de África. África recantada, inclusão, educação e ação. É a contribuição do continente africano à lei 10.639.

Convido para compor a Mesa as seguintes personalidades: o Sr. Secretário de Promoção da Igualdade Racial do governo do Estado, Elias Sampaio, representando neste ato o governador Jaques Wagner; o Sr. Deputado Federal Amauri Teixeira; o Magnífico Sr. Reitor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, professor Paulo Gabriel; a Sr^a Ialorixá Jaciara Ribeiro, representante da secretária de Políticas para as Mulheres, Vera Lúcia Barbosa; Sr. Tenente Elton Santana, representando o NAFRO/PM e o comandante geral da Polícia Militar, coronel Alfredo Castro; a Sr^a Superintendente de Desenvolvimento da Educação Básica, Amélia Maraux, representante do secretário da Educação, Osvaldo Barreto; a Sr^a Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, professora Vanda Machado, que participa deste ato como palestrante; o Sr. Adido Adjunto Cultural da Embaixada de Angola no Brasil, representando o embaixador, Sr. Camilo Afonso; Sr. Representante da Fundação Cultural Palmares, seção Bahia/Sergipe, Fábio Santana; Sr. Professor Jorge Portugal, que também é letrista e compositor. (Palmas)

Só para registro, devo dizer que o professor Jorge Portugal é o idealizador deste ato e, conseqüentemente, nos abrilhantou e presenteou trazendo para as comemorações do Dia de África o reconhecimento a alguém que há 50 anos já praticava o que hoje estamos defendendo, a partir de uma lei, que é a cultura e o ensinamento da História da África nas escolas, em especial num colégio público em Santo Amaro da Purificação, a professora Zilda Paim.

Saúdo o Sr. Representante da Associação dos Empresários Negros, Marinelson Carvalho; o Sr. Secretário de governo, Milton Mário, representante do prefeito do Município



de Santo Amaro, Ricardo Machado; convido também para compor a nossa Mesa o presidente estadual da AMI-BRASIL, o apóstolo Antônio Carlos Lima; e o representando a OAB, o advogado Sérgio São Bernardo. (Palmas)

Boa-tarde a todos e a todas. Neste início assistiremos à apresentação dos alunos da Escola Ailton Pinto de Andrade, do bairro do Lobato. (Palmas).

(Apresentação de dança) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu quero convidar também, para compor a Mesa, a companheira que muito bem conduziu esta Comissão, deputada Fátima Nunes. A gente convida a senhora para participar desta Mesa, também. (Palmas)

A deputada Fátima assumiu a presidência da Comissão da Igualdade no momento em que assumi a Comissão da Educação. Foi no período da condução da Comissão com a deputada Fátima, que conseguimos colocar um projeto nesta Casa para percorrer as comissões que foi o projeto de criação do Estatuto da Igualdade Racial e de Combate a Intolerância Religiosa de autoria do então deputado Valmir Assunção. O projeto hoje, tramita aos cuidados do Executivo, sob a responsabilidade do secretário Elias Sampaio, sendo reelaborado com a autoria do Executivo para vir a esta Casa. E, sem dúvida, ainda no decorrer deste ano, poderemos aprovar e celebrar mais uma conquista pela promoção de uma sociedade mais justa e mais igualitária.

Por formalidade, este momento seria o da fala do proponente da sessão. Como esta Mesa é bastante representativa, vou abrir mão da minha fala neste momento, concluirei, se necessário. Apenas vou agradecer pela presença de todos, dar boas-vindas e dizer que, ao longo de 7 anos, o Poder Legislativo do Estado da Bahia vem celebrando o Dia da África como reconhecimento da luta histórica de 50 anos de afirmação e edição de uma nova história no cenário internacional.

A concepção da África como um continente de miseráveis, um continente de fome, de desencanto, de abandono e, ainda, de subdesenvolvimento já não existe e não pode ser trabalhado e mantido em pleno século XXI.



E, há 50 anos, estadistas africanos se reuniam para discutir o papel e a importância da África no contexto do mundo e isso atravessando todos os continentes. E o Brasil e a Bahia não podiam estar fora dessa celebração. O Brasil, a partir do presidente Lula, passou a celebrar o Dia da África e reconhecer a necessidade do Brasil reparar uma dívida com o continente africano. E não é à toa que foi, exatamente, no governo Lula que o Brasil mais se aproximou e mais realizou ações afirmativas na relação com os países africanos. E a Bahia não podia estar atrás, porque costumamos sempre dizer que estamos no Estado mais negro fora da África e temos os municípios, ou as cidades, mais negras do mundo. Temos cidades na Bahia que conseguem ser mais negras que cidades africanas ou que a maioria das cidades africanas, a exemplo de São Francisco do Conde, Saubara, Santo Amaro, dentre outras que eu poderia listar aqui. Por isso, a Bahia não poderia estar fora deste reconhecimento, desta celebração.

No dia de hoje, não apenas estamos celebrando antecipadamente o dia 25 de Maio, mas estamos também abrindo o debate, a discussão, por uma lei estratégica e importante que é a Lei 10.639 que assegura o desenvolvimento no conteúdo programático das escolas públicas e privadas do Brasil, da história e da cultura africana, mas muitas, ou a maioria, dos nossos estabelecimentos de ensino ainda não implementaram essa lei. 10 anos não foram suficientes para que todas as escolas pudessem aplicar a lei. E esse ato também tem o cunho de abrir esse debate, essa discussão, e repensar métodos e ações para que implementemos essa lei. E não poderia ser diferente.

O ato de hoje, simbolicamente, tem a denominação de Zilda Paim, uma professora do município de Santo Amaro que, há 50 anos, já atuava na prática com os conhecimentos da cultura e da história africana como historiadora, como educadora, mas, acima de tudo, como uma entusiasta da consolidação de uma sociedade mais justa e igualitária e a reafirmação do negro e da negra no contexto da sociedade. Ela foi a primeira vereadora, exerceu quatro mandatos na Câmara Municipal e, como educadora, foi a primeira, nos registros que se tem no Estado da Bahia, que incutiu a capoeira e o maculelê como práticas educativas. Então, não podia ser diferente.



Para não me alongar, disse que não iria fazer um discurso já que o hábito do Parlamento nos leva a falar demais, quero apenas, neste momento, convidar para se pronunciar a professora Vanda Machado, do Ilê Axé Apó Afonjá, que contribuirá com uma palestra reafirmando a nossa africanidade e nos conduzindo para uma reflexão profunda do papel, da importância, do compromisso e da responsabilidade de todos e todas, em especial da juventude aqui presente. É nessa juventude que depositamos o direito de conviver, viver e consolidar a sociedade igualitária que todos nós acreditamos e pela qual todos nós lutamos. Na exposição tem um vídeo e, logo após, ela fará a exposição.



5572-III

Ses. Esp. II 23/05/13

Or. Vanda Machado

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra a professora Vanda Machado.

A Sr^a VANDA MACHADO:- Nós, os iniciados, temos como hábito, antes de falar qualquer coisa em seja qual for o ambiente, de pedir a benção aos mais velhos; de pedir a benção a todas as ancestralidades desta terra e pedir a benção aos mais velhos.

Então, que os mais velhos me abençoem, que os mais moços também me abençoem e que todos me abençoem. Na verdade, a benção é para que minha língua seja endireitada e possa dizer coisas que signifiquem para o que nos propomos neste momento.

Muito obrigada pelo convite, Sr. Deputado, muito obrigada pelo cuidado das suas assessoras. Na verdade, não me proponho a fazer uma palestra, mas trocar algumas ideias, falar algumas coisas que, na verdade, todo mundo já sabe. Não tenho grandes novidades para dizer, o que vou falar são coisas que já se sabe. Uma coisa que é essencial para a gente neste momento, vamos recontar a África pensando na inclusão, educação e ação. A contribuição do continente africano na aplicação da lei, esse foi o pedido. Mas se tivesse que fazer isso de verdade teria que escrever, pelo menos, uns três livros para fazer todo esse trabalho. E não dá. Então, vamos falar alguma coisa.

Na verdade, o que tenho lembrado sempre é a necessidade que nós temos, educadores e educadoras, de falar bem de nós. A nossa questão é falar bem de nós, porque falar mal todo mundo já falou, todo mundo fala, qualquer um fala. Nós aprendemos tanto “procurar o seu lugar”. Eu e Ana Célia ouvimos uma declaração mais do que absurda. Numa banca, quando de repente se comentou sobre o lugar de Mãe Stela na Academia, uma doutora disse: “E vai dar certo? São duas culturas tão diferentes.” Ela ainda pensa que o negro tem que procurar o seu lugar, só que ela ainda não sabe qual foi o lugar que escolhemos para estar. E estamos, não é, Sr. Deputado?



Então, vamos falar algumas coisas, algumas ideias, do tipo falar bem de nós. O que queremos dizer, em primeiro lugar, é que a ideia da lei não é uma lei para ensinar a negros ou indígenas. Todos nós nos interessamos por essa questão porque somos um povo mestiço. Só que esqueceram de nos colocar nesse mapa do Brasil como pessoa, como gente, que significa durante muito tempo, mas nós estamos procurando nosso lugar e estamos encontrando.

Então, a ideia que essa é uma lei, que essa é uma possibilidade de trabalho, saber do continente africano, saber da África interessa a nós todos. Como para mim ficava muito difícil falar da África recontada, é muito difícil até porque falar de um continente que ocupa 1/5 do mundo não é fácil. Não seria uma tarefa para uma semana ou duas de trabalho.

Então, preferi falar um pouco dos filhos da África no Brasil. O que significam esses filhos da África no Brasil, por quê? Porque parte da história da economia do Brasil colônia envolve a relação África, Portugal, Inglaterra, Revolução Industrial e suas consequências no mundo. Foi o povo, foram os filhos da África no Brasil que fizeram uma grande revolução que mudou a cara do mundo.

Na verdade, quando se pergunta: afinal o que faz o negro no Brasil? Fala-se da dança, da música, da capoeira, mas não no sentido excepcional que tem a capoeira como forma educativa, como processo educativo, mas se fala de coisas que podem ser desconsideradas e não fariam falta, levando em consideração a função do nossos ancestrais negros no Brasil.

Estamos falando de 11 milhões de pessoas que foram retiradas do continente africano. E só aqui no Brasil ficaram 4 milhões. Então, 4 milhões de ancestrais nos antecederam, 4 milhões de ancestrais construíram esse Brasil do jeito como é. Construíram não só o Brasil mas interferiram na política econômica do mundo.

Na escola, uma coisa que me chamou a atenção quando estudei o Tratado de Methueen, mas esse tratado parecia só um nome. Nunca me explicaram o que significava de fato esse tratado. O que foi o Tratado de Methueen? O Brasil produzia aquela imensidão de ouro. A história do ouro começa, na verdade, com a tecnologia trazida pelos povos africanos.



Depois, vieram outras tecnologias, vieram os ingleses mas, antes, foi aí que começou com essa tecnologia trazida pelo povo africano. Essa tecnologia terminou produzindo tanto ouro que a Inglaterra pensou em fazer um trato.

Estou reduzindo ao máximo somente para lembrarmos de uma coisa que já aprendemos na escola, que o Tratado de Panos e Vinhos foi uma coisa muito interessante. Todos aqui estão usando panos, não estão? Todo mundo tomou vinho hoje? Não. Então, é muito mais necessário o pano do que o vinho. Qual foi o trato? O trato seria que Portugal venderia os seus vinhos, eles trocariam por panos. Nessa troca de vinhos e de panos, Portugal começou a perder. Portugal ia perdendo cada vez mais, Portugal ia se endividando cada vez mais, porque além do ouro que ele ia perdendo, tinha o ouro também que ia de contrabando e isso foi criando uma dívida cada vez maior. Esse tratado fez cada vez mais Portugal endividado e a Inglaterra cada vez mais rica.

Isso significa que a Inglaterra transforma esse ouro retirado com o sangue e suor do povo negro no Brasil, transforma tudo isso em máquinas, e lá se vem a Revolução Industrial e a Inglaterra enriquece cada vez mais e Portugal cada vez mais pobre. Cria-se um movimento no mundo em que, finalmente, a riqueza criada pelo negro se volta contra ele, porque com as máquinas também vêm outros motivos que vão colocando em situação de dificuldade aqueles trabalhadores, e o primeiro desempregado vai sendo o negro.

Mas a gente precisa falar bem da gente, a gente precisa lembrar que esse ouro, essa riqueza, essa boniteza começou com a criação, o trabalho, o esforço de negros africanos e africanas escravizados no Brasil. A gente não fala isso em favor de nós mesmos, sempre.

Aí está a igreja de São Francisco, são 800 kg de ouro. De onde e como foi retirado esse ouro, como foi elaborada toda essa riqueza? A gente precisa mergulhar para entender melhor coisas que são bonitas e significativas, ricas, e que chamam a atenção do mundo.

A gente precisa lembrar da dignidade que foi criada a partir dessas senhoras. Vamos à festa da Boa Morte, nos divertimos, mas é preciso pensar na dignidade como essas pessoas recriaram a família ancestral, a família que foi estraçalhada quando negros e negras,



de lugares diferentes, de crenças diferentes, de culturas diferentes, foram juntados para que não houvesse os levantes, para que não houvesse as saídas. Não adiantou.

O mais importante é que essas senhoras criaram a dignidade das famílias de santo. Esse é o esforço que está sendo feito no sentido de a gente compreender que não somos filhos do demônio, mas somos filhos da necessidade de juntar as nossas crenças, os nossos saberes e as nossas possibilidades de sermos pessoas dignas. Esse é o sentido dos terreiros, esse é o sentido da possibilidade que foi criada com sentido de agregação, de humanidade dos nossos ancestrais.

Há uma tendência em mostrar sempre o negro sujo, estraçalhado, arrebitado, mal vestido, maltrapilho, e há um estudo aqui mesmo na Bahia sobre essas jóias crioulas. Então, essas senhoras criaram com seu trabalho a possibilidade de ter jóias, estão lá no museu para serem vistas.

Estou reduzindo ao máximo a minha fala, porque acho que tem coisas mais significativas a acontecer. O que importa é que estamos falando, e precisamos falar cada vez mais com boniteza do nosso povo.

Pixinguinha, por exemplo, me lembra uma conversa de Altamiro Carrilho numa entrevista em que ele disse que Pixinguinha era um autor clássico, compunha até com 16 batidas diferentes.

Como não cantarei nenhuma batida diferente da que ouvi, afinal de contas estou diante de músicos e compositores, repetirei a mesma que Altamiro Carrilho cantou:

*“Ah! se tu soubesses
Como sou tão carinhoso
E o muito, muito que te quero.
E como é sincero o meu amor,
Eu sei que tu não fugirias mais de mim.
Vem, vem, vem, vem,
Vem sentir o calor dos lábios meus
À procura dos teus*



Vem matar essa paixão

Que me devora o coração

E só assim, então, serei feliz...”

Isto é falar bem de nós, é falar de um compositor excepcional, que era muito mais do que “Carinhoso”, era um gênio o Pixinguinha.

Isso precisa e tem de ir à escola. É tão simples.

Às vezes, a história é um pouco complicada. Essa questão dos tratados, quem ficou, quem enriqueceu, quem ficou pobre. Uma coisa nós sabemos: foram os nossos ancestrais que nos antecederam que criaram toda essa possibilidade de sermos quem somos.

Também precisamos levar à escola essa pessoa querida, Milton Santos, geógrafo, livre pensador brasileiro, doutor *honoris causa* em vários países, ganhador do Prêmio Vautrin Lud, em 1994, considerado o prêmio Nobel de Geografia, professor em diversos países, autor de 40 livros, e que não foi aceito na Universidade Federal da Bahia. Este é o lado triste da história. De vez em quando roda um documentário feito com Milton Santos. Temos vontade de chorar ao ver como não sabíamos tratar bem os nossos gênios e como é difícil, para nós, acolhermos os nossos irmãos.

Vamos ter cuidado, porque, neste momento, pode ser que estejamos deixando de acolher um gênio que está perto de nós, alguém que é extremamente significativo. É bom olhar para o lado. Educadores, pais, universitários, gente de comunidade, todos devemos olhar para os lados. É bom vermos isso.

Fiquei muito feliz no dia em que Fábio falou para os meninos da minha rua: “Eu sou um ídolo, um gênio.” É bom que entendamos desse jeito, valorizando essas pessoas que estão perto de nós, tão perto, de tanto valor e que podem ser pessoas exemplares em nossas comunidades. Ele não é o único. Podem procurar que encontramos perto de nós.

É bom falarmos com as crianças de artistas negros. Esse é um artista negro que consegue criar Deus à sua imagem e semelhança. Essa Nossa Senhora, essa Madona com cabelos crespos. Vale à pena. Essa foto (mostra o *slide*) eu copiei do livro de Emanuel Araújo, também negro, artista, *marchand*, excepcional.



São coisas bonitas que precisam ser ditas.

Estamos procurando, às vezes, uma forma complicada de pensar nessa história de cultura africana, quando museu, revistas, alguns livros nos dão a medida dessa possibilidade de nos qualificarmos como pessoas importantes para a nossa época.

Esse trabalho (mostra o *slide*) de Manoel das Chagas está no Museu do Convento do Carmo. Este é um Cristo belíssimo, em pé, no tronco; não está na cruz; ele está, com certeza, onde ficaram muitos dos nossos ancestrais.

Aí, são negros que criaram cantos dos trabalhos, precursor dos sindicatos.

Neste momento, as crianças que foram criadas por babás estão sendo cuidadas pelos cuidadores e cuidadoras. As mesmas mãos negras que ampararam a criança na sua infância agora amparam os velhos e velhas.

Emociono-me sempre quando vejo no meu prédio aquelas senhoras - geralmente são moças negras fortes, porque têm de aguentar firme - de braços dados caminhando com o velhinho branquinho ou uma velhinha branquinha, como nunca fizeram durante toda a sua vida. Mas é hora de cuidar também desses cuidadores e de todo esse movimento que precisamos ver como dar certo para que eles não sejam desempregados e consigam manter-se em seus lugares como trabalhadores e cuidadores de pessoas.

De tudo isto, entendemos que a vida na sociedade brasileira pode ser bem melhor, com igualdade de oportunidade para todos, porque ser pobre ou negro não indica incapacidade de aprender. Houve um momento na história em que as crianças negras, mesmo nascidas livres, ou ex-escravas foram proibidas de frequentar a escola. Esse é o resultado.

Vejam só essas figuras (Apresentação de *eslaide*): (Negro): “Aos 10 anos, eu estava no meu primeiro trabalho.” (Branco): “E eu, dando um duro lá no meu primeiro ano de ginásio.” (Negro): “Aos 18 anos, eu sustentava a família com o meu trabalho.” (Branco): “Eu suando para entrar na faculdade.” (Negro): “Aos 30 anos, eu já tinha quase 20 anos de contribuição com o INSS.” (Branco): “Eu trabalhando para arrumar o meu primeiro emprego.” (Negro): “Hoje, aos 70 anos, graças a Deus, eu estou quase aposentado.” (Branco): “Eu já me aposentei, porque ninguém é de ferro, não é velho?”



Então há uma diferença que caminha ao longo da vida, e envelhecemos mantendo-a entre brancos e negros. Isso precisa de um concerto. Precisamos levar músicas bonitas e bacanas à escola. E fiquem certos de que as crianças, mesmo as do Ensino Fundamental, gostam de ouvir e falar sobre músicas bacanas e boas.

(A oradora e todos os presentes ao Plenário entoam o canto *As Rosas Não Falam*, de autoria do cantor e compositor Cartola.)

(A oradora se dirige à tribuna para continuar o discurso.)

Eu, que pensei que estava fazendo uma antipalestra, agora tenho de terminar neste lugar suntuoso. Este é o nosso lugar também, não é, deputado? Não é o meu! Mas tudo bem! (Palmas!)

Recriando a família ancestrática na diáspora. Essa missão é a mais importante do nosso povo. Além de criar todas as riquezas criou possibilidades humanizantes para os filhos da África no Brasil. Essa função que fez com que nós nos tornássemos irmãos, pela família ancestrática, pela feitura, pela iniciação ou pela forma de expressão.

Fico pensando, num primeiro momento, em como foi que uma mulher juntou outras pessoas, homens e mulheres em torno de si mesma, e falou: “agora sou sua mãe e vamos viver numa família, agora vamos organizar uma família de amor, uma família afetiva, que não a família assim considerada juridicamente”. A nossa ancestralidade nos faz irmãos, nos faz mães, nos faz pais, nos faz família de santo.

Nessa família de santo coloquei Mãe Menininha, e a cantiga...

(Todos cantam a música *Oração da Mãe Menininha*)

Obrigada, senhores. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5573-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or. Jorge Portugal

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós que agradecemos, professora.

Convido para fazer uso da palavra o professor Jorge Portugal e prestar homenagem à imortal professora Zilda Paim.

Enquanto o professor Jorge Portugal se organiza, vou registrar algumas presenças: Colégio Estadual Renan Baleeiro; Colégio Estadual Sete de Setembro; Faculdade Uneb; Colégio Estadual Doutor Ailton Pinto de Andrade; Dra. Hilda Virgens, diretora da Casa de Maria Felipa; Centro Educacional Teodoro Sampaio; pastor Bira Santana, da Ame Brasil; pastor Joselito, da Ame Brasil; pastor Lázaro, também da Ame Brasil, e do pastor Jailson, que neste ato também representa o Departamento de Promoção da Igualdade do município de Santo Antônio de Jesus; do vice-prefeito de Juazeiro, irmão Francisco; do vereador Roque Gonçalves de Almeida, que neste ato representa a Câmara Municipal de Santo Amaro; do vereador Adelson Barbosa, do município de Santo Amaro; da Sr^a Ana Rita Santiago, pró-reitora de extensão da UFRB; do professor Elias Malaquias, coordenador do projeto Corre Beco e Carcará; do Sr. Osmar Oliveira Soares, presidente da Organização para Desenvolvimento Ambiental e Humano; da Sr^a Antônia Garcia, coordenadora geral do Observatório Luiza Mahin, da UFBA; Cida, cantora do Batuque Black; do Colégio Estadual Alaor Coutinho e Dr. Jaime Guilherme, representando o Incra. (Palmas)

Com a palavra Jorge Portugal.

O Sr. JORGE PORTUGAL:- Boa-tarde, gente, gostaria de saudar a Mesa em nome do seu presidente nesta sessão especial, Bira Corôa, que sempre inspirado, promove aqui esta homenagem ao dia da África, essa reflexão que nos é tão cara e tão necessária. É preciso que marquemos pelo menos um dia de encontro. Temos que construir vários, porque precisamos mesmo é da construção permanente de todos os dias do ano inteiro. Mas pelo



menos este dia aqui em que a Assembleia abraça as nossas questões e os nossos propósitos. Então, Bira, parabéns sempre. Portanto, saúdo a Mesa em seu nome.

Quero fazer uma saudação especial aos vereadores da minha cidade Santo Amaro da Purificação que aqui estão. Destacando Roque Almeida, que eu soube agora que é Roque Almeida, porque ele é conhecido nacionalmente em Santo Amaro como Roque Carcará, zagueiro, segurança que foi da nossa seleção durante muito tempo. E as outras pessoas que estão, Moacir Paranhos, Chico Porto, Zé Raimundo, enfim, a menina do Alaor Coutinho, Sete de Setembro e todos os colégios que aqui se encontram. (Palmas)

Parece que não, mas já é, de certa forma, a militância de vocês, que estão debutando nesta militância pela causa que nos toca profundamente. Não vou me alongar, vim apenas dar um recado, acho que um recado soprado por ela. Sugeri quando entrei por acaso no gabinete de Bira para falar de uma outra coisa e havia lá uma reunião para construir esse evento. Eu cheguei um pouco triste e Jorjão me perguntou: você está meio triste, meio abatido. Eu disse: estou chegando de Santo Amaro agora do enterro da professora Zilda Paim. Ele, de pronto, e deve ter sido por obra de orixás, disse: estamos construindo o Dia da África, então vamos incluir logo a professora Zilda como grande homenageada. Eu disse: justo e certo. Isso está ocorrendo agora, deputado Amauri.

Mas para vocês que, talvez, não saibam, não tenham ciência de quem foi esta mulher que morreu com 94 anos, há um mês e pouco, ela foi uma revolucionária. Eu dizia agora à deputada Fátima que esta mulher foi pioneira em tudo que ela fez. Quebrou vários paradigmas de comportamento numa pequena cidade do Recôncavo ainda com laivos e ranços de aristocracia. Ela avançou demais e nos fez avançar.

Mas o que toca sobretudo a esse dia é o fato de que há 50 ou mais, reitor, 55 ou 60 anos, ela levou para sala de aula da escola pública Prado Valadares, professores que eram mestre de capoeira, mestre de maculelê, cantores de samba de roda, ialorixás do candomblé da cidade, transformando todas essas pessoas em mestres e professores daqueles alunos. O que quer dizer que ela antecipou a lei 10.639 em quase 60 anos. Foi, portanto, uma pioneira.



Está presente o Dr. Moacyr Paranhos, assessor do Tribunal de Justiça da Bahia, que sabe, como santo-amarense que é, o quanto ela sofreu por conta disso. As retaliações, o preconceito, a marginalização, em certos casos, mas nunca foi de se abater. Ainda assim, continuou lutando bravamente, foi a primeira mulher a ser vereadora em Santo Amaro, foi presidente ou presidenta da Câmara de Vereadores, ainda na década de 1970, e liderou o maculelê, trazendo de volta todo aquele trabalho de resgate do mestre Popó para às ruas de Santo Amaro.

Foi assim que eu a conheci. Aquela mulher de tez clara, cabelos em coque, andando pelas ruas e seguida por colunas e colunas de homens negros, batendo aqueles pedaços de pau e cantando em ritmo cadenciado as músicas do maculelê.

A partir dali, comecei a admirá-la sem parar. Foi um amor profundo pela sua figura e por aquilo que ela fazia e representava. Tive, sei lá o quê, o privilégio ou fui guiado, ou fui inspirado, sabe-se lá por quem ou por quê, mas sabemos por quem e por quê, a lhe pedir uma entrevista. Eu estava com vontade de rodar um documentário sobre cidades e cultura do Recôncavo. Então, eu, César Pires e Elton Cerqueira pedimos essa entrevista para começarmos o nosso trabalho. Ela nos deu uma entrevista de 1 hora e 15 minutos. Soube até que, depois dessa entrevista, ela teve dificuldade para dormir, pois não passou a noite muito bem dado o esforço emocional, principalmente, para falar conosco.

Ficamos de voltar lá para fotografar o acervo dela, com vistas a encaminhar um pedido de sua digitalização, que era o maior desejo de sua vida. Não voltamos, porque, 18 dias ou 1 mês depois veio a falecer. Ela deixou uma grande lacuna, porque era a memória da nossa cidade e do Recôncavo.

Vez por outra, apareciam lá estudantes do Ensino Médio pedindo à professora Zilda que contasse um pouco a história do bondinho de Santo Amaro. Vez por outra, estudantes de pós-graduação iam lá fazer uma profunda pesquisa sobre o Recôncavo e o recorte étnico da região. Todos eles tinham de bater à porta de professora Zilda Paim. Enfim, ela foi o oráculo de toda essa gente sequiosa, sedenta de informação, de conhecimento, sobretudo acerca da nossa história.



Então, uma pessoa dessa importância não podia ficar olvidada, esquecida, deixando-se que a sua vida fosse uma trajetória desmemoriada ou enfraquecida na memória. É preciso afirmarmos a sua importância e a importância, principalmente, de várias Zildas Pains que existem em cidades do interior e que, muitas vezes, morrem e levam um tesouro inestimável na sua memória. Quanto a essa entrevista, quero transformá-la em documentário futuramente.

Mas o recado que venho dar aqui, e não posso me demorar mais a fazê-lo, até porque, mais uma vez, a encruzilhada das coincidências fez com que caminhos se encontrassem. Como eu não acredito em coincidência, nesta sessão está presente o meu querido amigo, irmão e companheiro Paulo Gabriel, muito digno Magnífico Reitor da Universidade Federal do Recôncavo, que daqui a pouquíssimo tempo estará instalando seu *campus* em Santo Amaro da Purificação, na terra da professora Zilda Paim.

Ela morreu angustiada, Paulo. As últimas palavras dela para a minha entrevista foram: “Se eu não encontrar um lugar digno onde aportar tudo isso que juntei a minha vida inteira, eu vou tocar fogo antes de morrer”. Eu disse para não fazer isso. Mas ela retrucou: “Eu vou tocar fogo. Estou lhe garantindo. Quando pressentir que estou indo embora e não realizei, pelo menos, a entronização de tudo isso num espaço adequado, vou dar um fim a tudo que juntei na minha vida toda”.

O meu pedido para você é que, ao chegar a Santo Amaro da Purificação, a Universidade Federal do Recôncavo converse com o prefeito, com a Câmara dos Vereadores, Roque, e encontremos um espaço digno para que esse memorial, esse arquivo fabuloso e importante da professora Zilda Paim, deputado Amauri, tenha guarida, seja abraçado condignamente, como ela sempre sonhou, e que a memória dela, sorria de algum ponto qualquer do universo, com tudo isso que nós estamos fazendo e que não é nada mais nada menos que a nossa obrigação. (Palmas) Obrigação de alunos discípulos que tanto aprenderam com o que ela ensinou.

A minha intenção era trazer um trecho do documentário e mostrar aqui para vocês, Mas eu aprendi muito com dinâmica de eventos, até porque quem apresenta programas sabe



que a gente não pode criar a chamada barriga ao longo do que apresentamos. Vou pedir a você, meu querido, que somente frise a imagem da professora Zilda Paim, ali, para que vocês tenham uma ideia de quem ela foi, da imponência, da autoridade.

(Trecho de um vídeo com a fala de Zilda Paim é mostrada no telão)

O Sr. JORGE PORTUGAL:- Podem aplaudir. (Palmas)

Vocês verão o documentário depois, sem dúvida alguma. Foi só um trequinho. Vocês notam que ela já estava arfando, falando com muita dificuldade, mas notam também que, logo após eu ter feito a pergunta, ela começa a responder de bate pronto, aos 94 anos. Não disse, espera aí um momento que eu vou ver se eu me lembro. Não. A memória estava ali vivíssima, claríssima, realmente.

Foi uma grande acervo. Deixou, na verdade, uma obra monumental para o seu memorial e só nos cabe, agora, magnífico, correr e abraçar o grande desejo da vida dela. Podemos contar? Se o secretário Elias também quiser incorporar-se a essa trama do bem, Santo Amaro agradece por demais, o Recôncavo e a memória do povo negro.

O Sr. Elias Sampaio:- Quebrando um protocolo, Jorge, não só eu, mas acredito que Amelinha também, através da Secretaria de Educação, está junto com essa proposta para fazermos essa implantação ainda antes de terminar o governo Jaques Wagner.

O Sr. JORGE PORTUGAL:- Então foi ela que juntou todo mundo. Deputado Amauri Teixeira também? Então podemos chegar em Santo Amaro e dar uma grande notícia hoje, Chico Porto, Zé Raimundo, Moacir. (Palmas)

Estou tão feliz, mas tão feliz, que vou terminar minha fala, agora, recitando para vocês um texto que eu escrevi e que tive a felicidade de tê-lo musicado pelo meu querido amigo irmão Lazzo Matumbi. Vocês já cantaram muito. Diz assim:

A minha pele de ébano é

A minha alma nua

Espalhando a luz do sol

Espelhando a luz da lua

Tem a plumagem da noite



E a liberdade da rua
Minha pele é linguagem
E a leitura é toda sua
Será que você não viu
Não entendeu o meu toque
No coração da América eu sou o jazz,
Sou o *rock*
Eu sou parte de você
Mesmo que você me negue
Na beleza do afoxé
Ou no balanço do reggae
Liberdade Curuzu, Harlem, Gongo, Palmares, Soweto
Nosso céu é todo *blue* e o mundo é um grande gueto
Apesar de tanto não, tanta dor que nos invade
Somos nós, a alegria, a riqueza, a esperança, a inteligência, a cultura da cidade
Apesar de tanto não tanta marginalidade (Quero ouvir todo mundo comigo)
Somos nós, a alegria da cidade
Viva o povo negro! Viva a África. Viva a professora Zilda Paim! (palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)



5574-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or. Marinelson Carvalho

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero, ainda, registrar as presenças do prefeito do Município de Exu, George. Muito obrigado por sua presença; da Fundação Pedro Calmon; da Associação de Produções Culturais; Funceb; do vereador Raimar Costa, do Município de Santo Amaro; do vereador Washington Luiz Almeida, do Município de Santo Amaro; do Colégio Estadual Humberto de Alencar Castelo Branco; dos representantes do mandato do deputado estadual Marcelino Galo; dos representantes do mandato da deputada estadual Luiza Maia.

Com muita satisfação, quero registrar a presença de um empresário que tive o privilégio de conhecer na Cidade de Camaçari e de tê-lo como grande amigo e esteio nas ações e atividades culturais em nosso município, Tadeu. Tenho toda a satisfação por você estar aqui.

Registro, também, as presenças de Cláudio Mendes, diretor da Associação Cultural Popular; funcionários municipais de saúde de Canavieiras; de Ana Paula Oliveira, diretora do Centro de Estudos e Pesquisas Afro; do Movimento de Mulheres do Subúrbio; da Rede de Mulheres para o Controle Social das Políticas Públicas; de professores e historiadores; e do grande amigo Nadinho do Congo, presidente da Federação Nacional dos Afoxés.

Passo a palavra ao Sr. Marinelson Carvalho, representante da Associação de Empreendedores ou Empresários Negros.

O Sr. MARINELSON CARVALHO:- Boa-tarde a todos e a todas.

Muito obrigado, Sr. Presidente, por esta agradável surpresa de, depois de tantas pessoas que me antecederam e passaram suas mensagens, ter a responsabilidade, o compromisso de, olhando nos olhos de vocês, fundamentalmente dessas crianças, dizer quão agradável e quanta satisfação temos ao participar de um evento deste.



Secretário Elias Sampaio, deputado federal Amauri Teixeira, meu grande parceiro e amigo Bira Corôa, quero dar um abraço e uma saudação a todos vocês. E na pessoa do meu amigo, professor Jorge Portugal, mentor intelectual dessa sessão e deste encontro, tratando de um tema tão importante, quero cumprimentar as demais pessoas.

Meus amigos e minhas amigas, quero cumprimentar os que serão homenageados em nome da professora e educadora Aidê Carvalho Ribeiro, a quem tenho a honra e privilégio de ser irmão. Gostaria de dizer, Aidê, que é muito bom ter uma irmã como você, dedicada, responsável com esta luta diuturna na vontade de passar os seus conhecimentos para essa turma mais jovem. E você tem conseguido.

Nos três minutos que me foram dados, quero aproveitar para dizer isso: nada melhor, Profª Vanda, Prof. Jorge Portugal, do que comemorar o Dia da África falando e homenageando o tema educação. Impossível trazer coisa mais importante do que isso, até porque a educação no Brasil está bem resolvida para uns e muito mal resolvida para outros. Todos nós o sabemos.

Quero, apenas, deixar esta mensagem, de que comparar a África que está em fase de desenvolvimento e que aqui não é nem registrado, mas hoje os continentes que mais se desenvolvem no mundo são o asiático e o africano.

Gostaria de dizer que, sem a educação, sem a discussão desse tema, sem a responsabilidade de transformar, deputado Amauri, na sua luta também diuturna no Congresso, falando sobre a necessidade de melhorar a condição de todos, nós não seremos o País que desejamos e povo que merece ser.

Boa-tarde. Um abraço. E parabéns a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5575-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or. Amauri Teixeira

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, além de registrar a presença da deputada Maria del Carmen, quero convidá-la para compor a Mesa. (Palmas)

Gostaria de registrar, também, as presenças da Sr^a Gildete Clarinda, presidente da Associação de Intercâmbio (palmas); do ex-prefeito da cidade de Morpará, Sirley, conhecido como Lelei, pois é uma satisfação Lelei tê-lo aqui; do mandato do deputado Afonso Florense.

Neste instante, aproveito para registrar o comunicado do vereador Gilmar Santiago, pois estava previsto a vinda dela para esta sessão; mas ele teve de cumprir uma atividade na Câmara de Vereadores, na negociação com o Executivo e os servidores públicos do município de Salvador. Gilmar foi convidado pelos servidores para participar desse processo de negociação. Ao mesmo tempo, agradeço ao vereador Gilmar pela contribuição dada, também, a este evento.

Quero registrar a presença de Ivo Henrique, gerente da Coordenação de Promoção da Igualdade Racial do município de Camaçari; prefeito George já citei ; Antônia Garcia, também já citei, nossa grande companheira. Registro, também, a presença do Sr. Ronaldo Barros, pró-reitor de Políticas Afirmativas da UFRB – Universidade Federal do Recôncavo Baiano. Vou seguir o roteiro e, depois, vou registrar mais uma lista de presença.

Vou passar a palavra ao deputado Amauri, pois ele tem outro compromisso. Neste momento, cedo a palavra a ele. Ao mesmo tempo, registro a participação e a cumplicidade que o deputado Amauri Teixeira tem tido com o nosso mandato. Já conseguimos realizar diversas atividades em conjunto nos dois mandatos, tanto nesta Casa, no Poder Legislativo, como também lá no Congresso Nacional, onde tivemos a oportunidade de realizar dois eventos.

Concedo a palavra ao deputado federal Amauri Teixeira.



O Sr. AMAURI TEIXEIRA:- Boa-tarde a todos. A bênção! Não sou iniciado, mas a bênção a todos, meus prefeitos. Não vou cumprimentar a Mesa toda porque, senão, os dois minutos passam. Primeiro, quero parabenizar o deputado Bira por esta permanente realização. Bira vem, sucessivamente, realizando esta homenagem ao Dia da África. Porém, não só por isso, mas pela atuação de Bira, do seu mandato na defesa das causas do povo negro, do seu engajamento nessa luta, quero cumprimentar e expressar a minha admiração por seu trabalho. Cumprimentar Amelinha, a professora Vanda, o meu amigo Paulo Gabriel. Está garantido, Jorge Portugal, escolha a casa que a gente bota lá a emenda para o Memorial da Professora Zilda Paim. (Palmas.) Vou destinar os recursos e aí vamos combinar, ou para a Universidade ou para a Secretaria, e aí a gente vê quem executa melhor. Cumprimentar também meu amigo Elias.

Eu terei um debate daqui a pouco na AGU sobre a implantação do TRF aqui na Bahia, mas não poderia deixar de passar aqui. Vim de Brasília hoje, já participei hoje pela manhã... Aliás, no dia em que saiu a notícia da posse de Mãe Estela na Academia Baiana de Letras, eu falei e alguns parlamentares olharam para mim com estranheza de um fato que nos engrandece e que alegra a Bahia. Carybé dizia que a Bahia é essa mistura. Claro que na Bahia há preconceito, que tem segregação, mas a Bahia é um pouco diferente dos outros Estados. Mãe Estela chegar à Academia Baiana de Letras foi uma grande conquista para todos nós. Quando anunciei isso, eu senti a reação.

Bira, esta sessão é importante e eu também farei uma sessão do Dia da África, na segunda-feira, na Câmara Federal, da qual sou o proponente. No ano passado, você foi a Brasília, e nós estaremos realizando essa sessão lá junto com Benedita da Silva.

E hoje pela manhã eu dizia que nós, estupidamente, ontem aprovamos a lei que criminaliza o uso de drogas. E essa criminalização que não distingue portador de traficante vai punir quem? O filho branco do deputado? O *playboy* rico que usa cocaína ou até mesmo o *crack*? Não. Vai botar na cadeia o usuário negro, vai ainda mais propiciar o extermínio da juventude negra. Nesse momento em que temos um avanço conservador no Legislativo brasileiro, quando se tenta reduzir a maioria penal, quem vai sofrer as consequências



com a redução da idade penal? Não são os algozes que marginalizaram a comunidade negra, quem vai sofrer as consequências é a juventude negra, excluída para as favelas, excluídas das possibilidades.

É importante, Bira, que nós realizemos esses atos, é importante a sociedade brasileira entender que não vai ser endurecendo a legislação em relação a algumas questões que vamos mudar o perfil deste País. Nós vamos mudar este País quando nós incluirmos cada vez mais aqueles que mais contribuíram para o desenvolvimento do Brasil. Sem dúvida nenhuma os negros é que propiciaram o desenvolvimento, desde o Brasil-Colônia. Até porque o português não tem tradição de trabalhar, diferentemente de outros povos. Trabalhar era uma vergonha para os filhos dos brancos, trabalhar era coisa para os negros. E quem trabalhou e desenvolveu este País foram os negros. Mas foram eles que não se apropriaram da riqueza.

Está de parabéns, Bira! A história da África tem de ser contada e recontada para que, cada vez mais, percebamos quem deve ser incluído e reconhecido e quem teve papel fundamental no desenvolvimento econômico deste País. Precisamos, agora, ter desenvolvimento social para incluí-los e resgatar o papel que eles tiveram.

Tenham uma boa tarde! Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5576-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or. Camilo Afonso

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Continuo a registrar as presenças: o assessor especial para Assuntos Internacionais, Jacques Leite Santiago, representando o secretário para Assuntos Institucionais do governo do Estado, Fernando Schmidt; a Escola de Samba de Salvador, o Terreiro Tombelazazi, de Camaçari; Mel Neves, mestre-sala e porta-bandeira de São Paulo; Ministério Roma Ame Brasil, pastor Marivaldo; Secretaria de Organização do PT de Camaçari; Terreiro Opô Afonjá; Movimento Tenho Fé Sou do Candomblé; Tata Muxiki, Marcelo Santos, Terreiro Tumba Jussara, Salvador; Tata Nkissi, Edmilson de Souza, Santo Antônio de Jesus.

Neste momento, passo a palavra ao representante da Casa de Angola na Bahia, Camilo Afonso. Enquanto o professor Camilo Afonso chega para fazer seu pronunciamento, informo que vou quebrar as formalidades desta Mesa em função do tempo, porque o secretário Elias Sampaio tem, também, um compromisso e, logo em seguida, vou passar a palavra ao secretário.

Concedo a palavra ao Sr. Camilo Afonso.

O Sr. CAMILO AFONSO:- Sr. Deputado Bira Corôa, não quero saudar só a Mesa, mas a todos os presentes e convidados na pessoa de S.Ex^a o Sr. Embaixador de Angola, Dr. Nelson Cosme.

Este é um momento muito emocionante para nós todos, africanos e afrodescendentes. Gostaria de saudar, como temos saudado aqui, ao pedir a bênção à Mãe África e cantar para ela. Todos vocês podem, também, fazer coro.

(O Sr. Camilo Afonso entoa a música saudando a Mãe África.) (Palmas)

Dizia eu que, representando o embaixador, vivendo esses 50 anos da Mãe África, que tudo já foi aqui uma África contada, recontada e de que maneira, dizemos hoje que esta África, ao chegar aos 50 anos, orgulha-se de ser o berço da humanidade.



Há várias teorias como as teorias filosóficas montadas sobre ela. Gostaria de dizer, aqui, como disse um grande filho d'África, às portas da sua morte, Patrício Lumbumba, na carta memorável que escreve para sua esposa, na cadeia, dizia: “Filha, eu vou morrer, mas a África vai escrever a sua história.” Está escrita. Agora mesmo os especialistas acabaram de aprovar, na Etiópia, o conteúdo do que vai ser o nono volume de História Geral da África dedicado à diáspora e aos afrodescendentes. Portanto, eram oito volumes; agora, mais um volume. Chegaremos a 20. E é o continente que não poderia fazer parte da história. Dentre os que vão ser distinguidos, estão Agostinho Neto e Deolinda Rodrigues.

Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola, aquele que também, às vésperas, talvez já previa a sua morte, disse em Cartoon que a África se assemelhava a um corpo inerte onde cada abutre ia debicar seu pedaço.

Hoje, a África inverteu esse quadro. Hoje, a África está a crescer, está a dar uma resposta. Das grandes economias que vão crescer nos próximos anos, sete são africanas. A África que não podia fazer parte da história. Hoje já tem 17 prêmios Nobel: 4 senhoras e 13 homens. Isto faz orgulho do continente e dos seus filhos. Ao chegarmos nesta data, queremos dizer: valeu a pena o sangue e o sacrifício dos que vieram trazidos aqui como escravizados. Valeu a pena o sangue daqueles que sentiram na pele a colonização.

Agostinho Neto tem uma obra grandiosa. Na Casa de Angola, há os cinco volumes de todos os documentos que (ininteligível) escreveu sobre ele de 1949 a 1974. Deolinda Rodrigues, patrona da organização da mulher angolana esteve a estudar aqui no Brasil, sentiu na carne os efeitos da ditadura, abandonou com alguns elementos do movimento negro e foi para a guerrilha. É aquela senhora. Quem vê as imagens de Angola ou quem esteve em Angola, o memorial da mulheres, está lá ela a dizer: “Preferiu trocar o livro para libertação da mulher em Angola e no continente africano. Esta é a riqueza que a Mãe África traz. (palmas, muitas palmas), é o contributo que os filhos angolanos deram para a libertação do continente.

Agostinho Neto dizia, na altura, porque reinava o sistema do *apartheid* na África do Sul, o Zimbábue não estava independente, a Namíbia não estava independente, disse ele,



Cartoon, que Angola seria, por vontade própria, trincheira firme da revolução em África e que em Namíbia, Zimbábue e África do Sul estavam a continuação da nossa luta. Sim, foi, em (ininteligível) em pleno coração de Angola que o exército sul-africano foi derrotado e conseguimos alterar a situação na África austral.

É esta a contribuição que Angola deu para a libertação do continente. É esta a contribuição que temos estado a dar para a lei 10.639 para que possamos fazer os ligamentos desta história que nos foi contada. E sei que o Magnífico Reitor está ali, Paulo, estivemos juntos em Sauípe e o Ministério da Educação convidou todos os ministros da Educação dos países que falam português, hoje mesmo acabei de despedir, esta manhã, do Ministro de Educação de Angola, dizer-vos que sim, esses países vão receber vocês, os jovens, preparem-se, o Sr. Ministro Mercadante pediu a estes países para acolherem os professores de história da África, para fazerem graduação em África, em Angola, Moçambique, em Cabo Verde. Portanto, temos mais uma vitória para podermos apoiar, este grande projeto do presidente Lula (Palmas)

Eu, sempre, nos meus contatos, disse: há um vazio que é os professores de história não estarem em contato com a África, não conhecerem essa realidade para evitarmos as más interpretações que têm sido dadas sobre a África.

Então, gostaria de deixar esse anúncio, que do dia 23 a 26 de julho todos os especialistas do Ministério vão se debruçar em como traçarem as linhas para que este projeto entre em vigor. Aqui na Bahia vai funcionar o Instituto Médico-Politécnico para receber estudantes africanos, para interagirem neste mesmo sentido.

Por isso, nada melhor, neste dia, de que deixarmos esta mensagem de esperança e de continuarmos de portas abertas a recebê-los na Casa de Angola, apesar que, infelizmente, devo dizer com muita mágoa, 13 anos que a Casa existe, mas os especialistas são poucos que vão lá beber da fonte.

Espero bem que a Secretaria de Educação do Estado, a Seprom, a Simu, as direções das escolas, façam daquele espaço vosso, nosso espaço.

Muito obrigado. (Palmas)



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

(Não foi revisto pelo orador.)



5577-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or. Elias Sampaio

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nesse momento eu passo a palavra, quebrando o protocolo, mas atendendo também às necessidades, ao secretário Elias Sampaio.

O Sr. ELIAS SAMPAIO:- Boa-tarde a todos e a todas.

Começo a minha fala saudando e ao mesmo tempo parabenizando a iniciativa do deputado Bira Corôa por esta sessão. Parece que é o 7º ano de sessão do Dia de África, e no meu caso aqui é o 7º ano, e o 3º ano que estou aqui, sempre nesse dia, aliás com Jorge Portugal também, já somos habituê desta sessão. Mas, é o terceiro ano que eu venho representando o governador do Estado.

Quero saudar a plateia aqui em nome da nossa professora Ana Célia. Ela está ali e todas as vezes que eu vejo a professora Ana Célia faço sempre questão de fazer uma saudação especial, porque me lembro muito bem de Jonathas Conceição, que eu acho que numa sessão como essa deve ser referenciado (palmas) como uma das grandes cabeças pensantes e responsáveis pelo registro das questões relacionadas ao que nós estamos discutindo hoje.

Eu pedi para falar antes, infelizmente, porque realmente eu estou com outros compromissos, mas também porque eu me sinto muito à vontade, depois de ouvir a fala da professora Wanda e ouvir também a fala do professor Jorge Portugal, e saber, inclusive, que também vai ter a fala da professora Amélia Maraúx, que aí eu não vou roubar a fala dela.

Mas, nesse exato momento, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, deputado Bira, está fazendo uma conferência sobre toda a programação da lei nº 10.639, dez anos da lei 10.639, durante todo o ano de 2013. E aí eu acho que a professora Amélia vai fazer valer uma das questões desta sessão, que é, exatamente, discutir a questão da lei 10.639, que é o foco daquilo que a África trouxe para nós, e que nós, na posição de pessoas



que estamos na institucionalidade, temos a obrigação, e estamos tentando fazer naquilo que é possível, para que essa lei seja implementada da melhor forma.

Eu acho que na Bahia ela é um pouco mais difícil, porque se nós andarmos, por exemplo, Mãe Jaciara, de olhos fechados, na Bahia, até o cheiro que a gente sente dos nossos restaurantes se remete à África. E eu quero dizer isso, por exemplo, professora Amélia, porque o professor Jorge Portugal está discutindo com a gente uma coisa bem interessante - e acho que os meninos da escola também devem estar sabendo -, que é levar um projeto do ensino da cultura africana e da África a partir da alimentação da merenda escolar, porque uma das coisas que muita gente não se toca é que alimentação é cultura. E talvez seja uma das culturas mais interessantes e que interessam a muita gente porque, além de ser uma coisa boa para a cabeça, ela também alimenta o nosso corpo.

E uma das grandes contribuições do continente africano para a cultura brasileira está exatamente na alimentação, e o que é que Jaime Sodré nos traz? Olhem, precisamos incluir em todo sistema escolar e nas relações que existem no dia a dia da escola elementos para que as pessoas consigam compreender o que é, de fato, a nossa cultura a partir do cotidiano como em várias outras situações.

Então, até com os olhos vendados, se chegarmos a algum lugar na cidade de Salvador, a África está presente. Por que estou dizendo isso? Porque fiquei... Queria agradecer a sua fala, professora Vanda, principalmente numa das questões que a senhora coloca, que é também um dos elementos que eu acho, nessa caminhada que a gente vem fazendo - aqueles que me conhecem sabem disso - que temos de bater na tecla com muita força, apesar de toda a dor que nos invade. Nós precisamos aprender a falar bem de nós mesmos. A história do negro, dos africanos e seus descendentes no Brasil é marcada por um processo de superação que poucas civilizações, poucos grupos humanos neste Planeta conseguiram.

Vejam só, olhem para esta Mesa. Talvez com exceção da nossa querida Maria del Carmen, que é espanhola, nela estamos olhando para para pessoas descendentes de outras que foram escravizadas, mas hoje, com toda a humildade, conseguem mostrar à sociedade



baiana e brasileira o legado civilizatório que esse povo trouxe, mesmo escravizado, naquela época. (Palmas!) E isso que o Dia da África tem que representar. A nossa querida Zilda Paim há 40, 50 anos já fazia isso, o que é extremamente louvável. A gente pode, por exemplo, associar a história dos nossos blocos afros. Se a gente der um recorte do Ylê Aiyê, são 40 anos.

Mas queria dizer também, gente, que a história da África não se perde no Brasil, porque os terreiros de candomblé, com sua oralidade, nunca tinham permitido que nós descendentes de africanos tivéssemos nossa relação de vida aqui, imaginando que nossa história começou nos navios negreiros. Só que ela não começou nos navios negreiros. Nós temos uma história milenar, e é isso que os terreiros de candomblé vem nos ensinando, desde que a primeira mãe de santo e o primeiro pai de santo pisaram nessa terra.

Então queria agradecer à senhora, professora Vanda, porque a dor, às vezes, não pode ser evitada, mas o sofrimento pode. E a dor pode nos servir exatamente como elemento de aprendizado não só para sua superação, mas também para demonstrar e construir um novo país a partir de novas referências.

O Brasil não seria o País que é hoje sem a contribuição africana. Não seria do ponto de vista da cultura, não seria do ponto de vista da economia, não seria do ponto de vista da política e não seria do ponto de vista de nenhum elemento que faz, na verdade, o amálgama que constrói esta sociedade. Isso porque os negros têm ensinado historicamente ao Brasil que, apesar de tudo, a forma que temos de trazer para o nosso legado civilizatório ainda é a partir de um processo pedagógico em ensinamento de convivência pacífica dentro desse país, porque, se assim não fosse, a maioria negra da cidade de Salvador, seria revoltada e revolucionária do ponto de vista da violência, o que não fazemos, apesar de sofrermos a violência.

E aí eu queria terminar, deputado Bira, parabenizando-o, mais uma vez, por esta sessão dizendo o seguinte: nós que estamos na institucionalidade temos a responsabilidade da transformação. E quando eu falei da história dos 7 anos desta sessão, eu queria perguntar:



Por que 7 e não 70? Por que a lei 10.639 tem 10 anos e não 100 anos? Por que a composição desta Mesa, hoje, tem essa característica tão diferente?

Eu não posso me furtar de dizer que, a partir de 2003, o Brasil passou por uma revolução que foi iniciada pelo presidente Lula, continuada pela presidente Dilma e, aqui na Bahia, há 6 anos, ela é seguida pelo governador Jaques Wagner. Estou dizendo isto porque nós que estamos na institucionalidade, Prof^a Amélia, deputado Bira Corôa, deputada Maria del Carmen e todos os que estão aqui, temos uma responsabilidade, estamos tentando fazer e algumas pessoas ainda não se deram conta, Mário Nelson Carvalho, nós estamos construindo o Estado brasileiro. Foi por isso que, em 2003, criou-se a SEPIR, foi por isso que, em 2003, criou-se ainda num governo que não foi um governo nosso, mas foi influência do Movimento Negro, mas também do nosso governo, a SEMUR; por isso tivemos, em 2007, a criação e o exercício da Sepromi. Eu digo que hoje temos uma Seprominha, porque temos uma Sepromi em Governador Mangabeira que faz parte de uma secretaria dos mais de 65 municípios que hoje têm um organismo de promoção da igualdade racial, porque estamos transformando o Estado.

Precisamos mudar o Estado brasileiro para que tenhamos o Dia da África não apenas no dia 25, não só na semana do dia 25 de maio, mas que consigamos fazer o processo de reparação que esse Brasil precisa.

E digo mais, o processo que foi citado pelo deputado Bira Corôa e que Dr. Sérgio São Bernardo está aqui presente, que nós estivemos participando, juntamente com Mãe Jaciara e outros que aqui estão, do Estatuto da Igualdade Racial, na segunda-feira. Eu queria esclarecer e dizer o seguinte: o Executivo quer ser apenas o veículo daquilo que o Movimento Negro produziu historicamente (Palmas) e transformar o Estatuto da Igualdade Racial como o grande elemento amalgamador de tudo o que estamos fazendo. Temos essa oportunidade que é uma oportunidade ímpar, professor Jorge, nesse momento de 2013 para que, de fato, transformemos.



Queria dizer aos meninos e às meninas das escolas que no cinema, ontem, estreou, o filme *Raça*, de Joel Zito Araújo. Se vocês puderem vão ver o filme porque o filme fala, exatamente, dessas nossas coisas.

Quero dizer mais, do ponto de vista da Lei 10.639, se as pessoas não tiverem acesso a nenhum outro elemento que fale da África, o que é difícil na Bahia, a nenhuma outra biblioteca que fale da África, o que é extremamente difícil em Salvador, que, pelo menos, de 15 em 15 dias, leiam o artigo de Mãe Estela de Oxossi, ou o artigo de Jaime Sodré, que eles alternam uma semana um, uma semana outro. Porque, na verdade, tanto Mãe Estela quanto o Prof. Jaime Sodré estão fazendo um processo de ensinamento pedagógico não para os negros, porque todos nós negros já sabemos, mas Mãe Estela, a nossa imortal da Academia de Letras e grande ensinadora do Ilê Axé Opô Afonjá, junto com outros como nós, estão pedagogicamente, na altura das suas sabedorias, mostrando para a sociedade baiana, para a sociedade brasileira e para todos nós como é o fazer, o compreender do mundo a partir daquilo que foi o grande legado civilizatório que a África nos trouxe que é fazer as coisas com amor no coração, respeito a ancestralidade e, mais do que isso, respeito a tudo que há no nosso meio ambiente, porque o candomblé é, acima de tudo, a grande religião do meio ambiente e do respeito a igualdade de todos e de todas.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5578-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or^a Amélia

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero fazer uma pequena correção. Esse evento tem a participação e a contribuição na organização e na estruturação da Secretaria de Promoção da Igualdade, e o secretário Elias, como muito bem citou, não é apenas um participante deste evento, é um parceiro que vem ajudando no processo de construção.

Quero registrar a presença do Sr. Evânio, secretário de Saúde do município de Exu, muito obrigado pela presença.

Passo a palavra, neste exato momento, a professora Amélia, ao mesmo tempo em que aproveito para convidar para compor a nossa Mesa o nobre deputado Deraldo Damasceno.

A Sr^a AMÉLIA:- Bem, está aqui bem dito que são 5 minutos. Portanto, irei respeitar o tempo proposto aqui pela Mesa e agradecer o convite do deputado Bira Coroa, proponente desta sessão, o qual faço menção a todos e todas que compõem essa brilhante Mesa que comemora o Dia da África e que faz uma relação direta aos 10 anos da lei nº 10.639.

Gostaria, ao saudar a Mesa em nome do deputado Bira Coroa, de saudar a plateia em nome da professora Ana Célia Silva, minha querida professora, colega, companheira da Universidade do Estado da Bahia (palmas). Como a professora Zilda, nosso mestre Jorge Portugal também inicia - a partir do seu livro que discute os estereótipos no livro didático sobre o negro - um processo árduo de desconstrução de uma visão do negro no livro didático. Portanto, de uma visão de educação que reforça e reforçava de uma forma muito forte, o racismo institucional. Gostaria, portanto, de iniciar a minha fala fazendo essa referência a professora Ana Célia Silva reconhecendo, de fato, que os seus estudos, as suas pesquisas foram fundamentais para que pudéssemos construir um outro olhar sobre a Educação do nosso Estado.



Gostaria, também, de saudar os nossos meninos, meninas, jovens, estudantes das nossas escolas estaduais, o Alaor Coutinho, Sete de Abril, Renan Baleeiro (palmas) enfim, as nossas professoras e professores que estão aqui. A professora Marlene Souza que está aqui, enfim, a todas as pessoas que compõem essa plateia tão brilhante.

Gostaria de dizer que, hoje, estamos num processo desde as 8 horas da manhã gravando na *TV E* o programa *TV E Debate* para discutir sobre a implementação da lei nº 10.639. Depois fomos para o Iate para a conferência, via videoconferência, que está sendo realizada lá no Iate para todas as 32 salas de videoconferências espalhadas por todos os cantos do Estado da Bahia para debater uma agenda importante de discussão sobre a implementação da lei nº 10.639. Acho que temos um caminho muito grande a ser trilhado nesse sentido. E todas as nossas falas, tudo aquilo que reconhecemos em relação a implementação da lei é que ainda hoje temos muito o que comemorar, sim. Acho que a lei é uma conquista fundamental para o movimento negro, para os educadores e educadoras deste País. Acho que avançamos, sim, em relação a implementação da lei, acho que ela promove um enfrentamento importante no sentido da mudança de um currículo eurocêntrico, de um currículo que promove efetivamente um processo de segregação social, de um processo de segregação racial.

Acho que avançamos quando discutimos e propomos a formação de professores para a inclusão dessas temáticas em nossos currículos, quando discutimos e propomos uma outra forma de produção de material didático que, efetivamente, incorpore elementos fundamentais e civilizatórios das culturas africanas e afrobrasileira, como disse aqui o nosso secretário Elias Sampaio. É importante demarcar esse momento da implementação da lei nº 10.639, as conquistas e avanços que temos observado no Brasil durante esses últimos 10 anos.

A lei nº 10.639, na verdade, vem num esforço e conjunto muito grandes de ações, de reconhecimentos e de enfrentamentos às desigualdades raciais e sociais em nosso País. A implementação das cotas raciais e o reconhecimento constitucional das cotas raciais em



2012 coloca uma ação que complementa todas as ações no sentido da implementação de ações, enfim, que promovam a igualdade racial em nosso País.

Estou um pouco nervosa, acho que vocês devem estar notando isso, na verdade não é fácil estar falando aqui nesta tribuna, uma tribuna que retrata a segregação racial, uma desigualdade de gênero muito forte. Ou seja, é uma Casa com todos os esforços que vêm sendo implementados pelo deputado Bira Corôa, que assume essa Comissão de Promoção da Igualdade, tem feito ações importantes não só com relação ao enfrentamento ao racismo, mas também o enfrentamento ao sexismo e à homofobia em nosso Estado. Acho que esta Casa e esta tribuna são muito reveladoras de todos os processos de exclusão que este País vivencia, e de todas as possibilidades de mudança também que ela pode nos proporcionar.

Venho em nome da Secretaria de Educação trazer aqui também uma mensagem do secretário Osvaldo Barreto, dizendo que para a Secretaria de Educação as políticas educacionais têm como fundamento a percepção e a compreensão de que é importante e necessário não só implementar a lei como mudar a própria escola. É preciso que essa escola que aí está, a comunidade dessa escola é uma comunidade negra efetivamente, a educação e a forma como ela se organiza hoje representa de uma certa forma uma representação social muito pouco favorável para aqueles que lá estão. Todo o empenho no sentido de que é necessário e importante mudar a escola, qualificá-la porque qualificando a escola pública nós enfrentamos o racismo e estamos fazendo valer a lei nº10.639. Tem sido a compreensão que temos tido.

Portanto, gostaria de encerrar a minha fala dizendo da honra e da alegria em estar nesta sessão. E reafirmar o compromisso do Estado e da Secretaria de Educação no sentido da implementação da lei nº 10.639 e de todas as ações que devem ser necessárias e que obviamente não se esgotam numa ação da Secretaria de Educação. A implementação dessa lei é uma ação que conjuga parceiros importantes, como as universidades.

Portanto, gostaria de saudar aqui todos e todas e reafirmar o nosso compromisso na implementação do conteúdo da lei nº 10.639 e daquilo que de mais importante ela traz, que é a mudança na perspectiva da descolonização do pensamento, numa perspectiva de



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

compreensão da herança africana e afro-brasileira como marco civilizatório para a nossa sociedade.

Muito obrigado e parabéns a todos e a todas. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5579-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or. Paulo Gabriel Soledade Nacif

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós quem agradecemos.

Quero ainda informar que também serão homenageados neste ato educadores do nosso Estado que implementam nas suas atividades cotidianas a lei nº 10.639.

Passo a palavra ao Magnifico Reitor da Universidade do Recôncavo da Bahia, Paulo Gabriel Soledade Nacif.

O Sr. PAULO GABRIEL SOLEDADA NACIF:- Boa-tarde a todos. Quero saudar o presidente desta sessão, meu querido amigo deputado Bira Corôa, os demais deputados e a figura da minha querida amiga Maria del Carmen. Esta é uma sessão de bons amigos, estava conversando ali com Amélia, Elias, Nelson.

Aprendi, no Recôncavo, que temos de começar saudando a ancestralidade, não é isso, Ana Rita? Você tem me ensinado, de forma muito marcante, coisas muito interessantes nessa relação. Notadamente num dia como este, em que comemoramos o Dia da África.

Tenho uma história para contar que, para mim, é muito importante nessa questão de como a cultura da África é relevante e como precisa ser destacada, primordialmente, no cenário brasileiro.

Quando estávamos implantando a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, tínhamos um projeto que contemplava, desde o seu início, políticas afirmativas, com a implantação de uma pró-reitoria de políticas afirmativas, que ainda não existia no Brasil. Tínhamos uma visão muito concreta de que precisávamos ter a área de extensão fortalecida na sua relação com a comunidade; a área de pesquisa. Queríamos diversos tipos de cursos na UFRB, porque achávamos que essa diversidade de cursos era fundamental para que dialogássemos com uma região como o Recôncavo.

E a todo momento, quando o nosso grupo estava implantando essa universidade e dialogava com o MEC, instrutores nos diziam; “Esse projeto é muito complexo e



complicado, por isso devem ir mais devagar. Se você tiver menos pessoas e menos dimensões nesse projeto, vai mais rápido e consolida esse projeto na Universidade logo”.

Aquela dualidade, ou seja, de um lado, pressão; do outro, a vontade de um projeto que o povo do Recôncavo concebeu. E estava de forma muito firme na cabeça do reitor quase como um desafio.

Lembro de uma das minhas primeiras viagens como reitor. Fiz uma escala no aeroporto da África do Sul. Lá, vi uma frase que me marcou profundamente, que vem de um povo que habita aquela região: “Se você quiser ir rápido, vá sozinho; se quiser ir longe, vá acompanhado”.

Voltei, então, com a firme convicção de que o nosso projeto de políticas afirmativas, com pró-reitorias, com diversidades de cursos e com diálogo com a comunidade, por mais que fosse um projeto complexo, como os burocratas e os ortodoxos avaliavam, era o projeto que deveríamos fazer.

Então, toda vez que lembro e vejo debates na universidade, o grau de individualismo dos nossos professores, a vontade marcante de muitos alunos, de, simplesmente, pegar o diploma e escrever a sua história individualista, eu fico pensando o quanto a gente precisa aprender com a cultura africana, a cultura africana que tem uma contribuição efetiva a dar à universidade brasileira.

Eu brinco sempre, mas querendo mandar sinais concretos. Se, de um lado, a nossa universidade, a universidade brasileira, tem que fazer referências às suas origens portuguesas, nós temos que nos enriquecer com a África, porque não há dúvida de que se nós pretendemos contribuir, de forma efetiva, para um projeto civilizatório neste País, um projeto civilizatório que seja um projeto sustentável e que integre toda a nossa humanidade, será na África que nós vamos encontrar a nossa inspiração.

Então, eu estou extremamente feliz de estar aqui representando uma universidade, uma universidade que se chama, Bira, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Mas que poderia, tranquilamente, ser chamada de Universidade Federal da Afro-brasilidade da Bahia, porque nós temos 86% de afrodescendentes entre nossos alunos. Nós temos uma



maioria de servidores técnico-administrativos, uma grande parcela dos nossos professores, uma grande parcela dos nossos pró-reitores afrodescendentes.

Eu costumo dizer, não por coincidência, porque isso foi um projeto complexo que foi concebido. Exatamente por isso nós temos extrema felicidade de estar aqui neste momento. Esperamos que este Dia de África seja fundamental para que possamos avançar nessas questões.

Estava com Camilo, na segunda-feira, com o ministro Aloizio Mercadante. Acho que temos uma informação importante para os nossos alunos que aqui estão, para os nossos docentes que aqui estão. A Bahia conquistou um *campus* da universidade, da integração luso-afro-brasileira, em São Francisco do Conde. Esse *campus*, terá, pelo menos, 200 professores e 4.000 alunos. Ele começa a funcionar ainda este ano.

Mas o ministro anunciou algo que eu acho fundamental: nós teremos, ainda este ano, o início da implantação do Instituto Federal Tecnológico voltado para a África. E eu acho que a gente precisa dialogar de forma profunda com isso, (palmas) para que a gente possa aprofundar, cada vez mais, as nossas relações com esses países.

E eu digo mais, o ministro Aloizio Mercadante está extremamente interessado em ter a Bahia como uma plataforma concreta das relações do Brasil com a África. E eu acho que nada melhor, Bira, já numa próxima audiência, a gente trazer esse tema fundamental: a educação na Bahia como uma ponte para a África.

Obrigado a todos. Viva o nosso povo! Viva a África! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5580-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or. Sérgio São Bernardo

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- A Mesa chega a um consenso – o tempo avançou bastante – de abrirmos aqui para algumas saudações, para que possamos passar para a próxima etapa, que é destacar os educadores que têm contribuído, assim como Zilda Paim. Nós temos centenas a milhares de professores e professoras que, no seu cotidiano, já vêm desempenhando e desenvolvendo a Lei 10.639 e que nós precisamos reconhecer. Todos os homenageados aqui, hoje, representam esses milhares de educadores. Muitos, no anonimato, já vêm atuando e desenvolvendo a história e a cultura da África no contexto da sociedade baiana.

Eu vou passar a palavra, para uma breve saudação, ao representante da OAB, Dr. Sérgio São Bernardo. (Palmas)

O Sr. SÉRGIO SÃO BERNARDO:- Boa-tarde a todos e a todas. Gostaria de dizer uma coisa um tanto curiosa. A gente sempre fala do Dia de África, porque isso é importante para a gente, porque a União Africana, em 63, quando foi a primeira experiência de possibilidade de organização dos países africanos. Depois, a ONU reconhece essa União Africana, sendo criada uma Sexta Região, a Sexta Região da Diáspora. E o Brasil participa. Para a União Africana, o Brasil também é a África. Isto é importante, porque aqui, no Brasil, estamos discutindo o Dia da África a partir da experiência africana no Brasil. Acho isso importante porque reforça a ideia de que não estamos discutindo apenas a África distante, mas a África, aqui, em nós, que trouxemos no nosso corpo e nossa alma.

Muito obrigado. A OAB está presente. Eu estou lá, mas estou sempre aqui.

E quero parabenizar o deputado, dizendo que é importante que se faça todos os anos esta sessão especial, porque a África continua e temos um desafio muito grande com o desenvolvimento africano.

Muito obrigado. (Palmas)



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

(Não foi revisto pelo orador.)



5581-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or. Jaciara Ribeiro

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra à mãe Jaciara.

A Sr^a JACIARA RIBEIRO:- Primeiramente, saúdo a Mesa na pessoa do Exm^o Deputado Bira Corôa. Gostaria de dizer da importância e da satisfação de estar aqui, vivendo este momento histórico.

Sou Jaciara Ribeiro, yalorixá do Axé Abassá de Ogum. Trago a saudação e o respeito da secretária de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia, Vera Lúcia Barbosa. E quero dizer da importância de este momento estar fortalecendo a implementação da Lei n^o 10.639. Acredito que só através da educação podemos alcançar a diversidade, o respeito e acabar com o racismo. Acredito que muitas leis são sancionadas e muitas secretarias são inauguradas, mas entendemos que só o amor poderá transformar.

Hoje é quinta-feira. Tenho uma fala institucional, mas também de religiosa. Quero dedicar este dia ao deputado, por ser um dia de Oxóssi, orixá que reina no ori dele, orixá que é caçador de felicidade. Não só por hoje se comemorar o Dia da África por 7 anos, mas que possamos comemorar as nossas conquistas e políticas públicas não só para o povo negro, mas para o universo.

Quero tomar a bênção à ebambi e doutora, Vanda Machado. Basta sabermos o que são os nossos, não é? Doutora e ebambi de Oxum. Digo da grandeza de ter participado desta Mesa ao seu lado, da sensibilidade de ouvi-la falar de mãe Menininha do Gantois, embora sendo da casa de Mãe Stella, do Ilê Axé Opó Afonjá. Assim, temos que nos respeitar e nos amar.

Estou muito feliz por estar aqui. Que Oxum, meu orixá, deusa da fertilidade e da prosperidade possa fazer com que este dia não fique só aqui, nesta sessão especial, mas que possa emanar para todo o universo, especialmente para a Bahia.

Axé! (Palmas)



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

(Não foi revisto pela oradora.)



5582-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or. Fábio Santana

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra a Fábio Santana.

O Sr. FÁBIO SANTANA:- Boa-tarde a todos e a todas!

Quero pedir a bênção aos meus mais velhos.

Saúdo a Mesa nas pessoas da mãe Jaciara e Vanda Machado, que são as minhas referências.

Para mim, jovem negro, morador do Subúrbio Ferroviário, representante da Fundação Cultural Palmares, uma instituição que tem como missão preservar e promover a cultura afro-brasileira, é uma honra compor esta Mesa diante de pessoas que são referência para mim, diante de mestres que muito me ensinaram.

Estou muito emocionado. Este é o meu segundo evento oficial representando a Palmares, não é professor Jorge Portugal? O senhor que foi meu professor no cursinho DNA.

Quero, aqui, externar para os meus colegas jovens, pois também ainda sou um jovem de 29 anos, vocês estão tendo a oportunidade ímpar, uma oportunidade que eu não tive que foi adentrar nesta Casa e participar de uma sessão com essas pessoas que são referência para nós.

Hoje é um dia muito importante para todos e para mim, em especial. Celebrar a África, celebro todos os dias, D. Vanda. Na minha comunidade me tornei referência, mas precisamos de outras referências para a nossa comunidade negra, para os nossos jovens negros, não só no campo da arte, mas em outras esferas e outras instâncias, e eu tive muitas referências positivas. O continente africano colabora com essas referências, não só no campo da cultura como no campo da tecnologia.

No campo da ciência, tivemos uma apresentação dos meninos do Lobato, que é próximo da comunidade em que moro, Alto do Cabrito. Eles dançaram a música do Olodum, que conta a história do grande rei faraó Ramsés, da cultura do Egito, de todo legado da



construção daquelas pirâmides, de toda tecnologia de como nasce a matemática no continente africano. Todo esse legado o continente africano traz para o mundo e faz esse Brasil negro.

Hoje é um dia de celebração. Muito obrigado e boa tarde a todos. (palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5583-III

Ses. EspII. 23/05/13

Or. Pastor Jailton

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao pastor Jailton que está como presidente nacional da Ame Brasil.

O Sr. PASTOR JAILTON:- Boa noite. Quero saudar a Mesa através do nosso amigo deputado Bira Corôa.

Fiquei observando que pelo compromisso do deputado Bira com as causas sociais, com as causas do povo, com as lutas que tem travado na sociedade, com a amizade que tem com as pessoas que defendem essas causas, muitas vezes confundimos a relação de deputado e costumamos chamá-lo carinhosamente de Bira. Quero parabenizá-lo, saudar a Mesa, saudar o professor Jorge Portugal, que admiro muito.

Nós, do segmento evangélico, como Associação Brasileira dos Ministros Evangélicos, também estamos envolvidos nessa luta.

Hoje é um dia muito importante para nós. Parte da minha família mora na África e a Lei 10.639 é uma conquista. Cresci ouvindo da África sobre os animais, os elefantes, o leão, Tarzan e muito dos momentos que vivemos de escravidão aqui no Brasil.

Precisamos lembrar desses homens e mulheres que lutaram e souberam superar essa luta no momento em que vivíamos de escravidão, mas é preciso que nossas crianças também possam conhecer o que é a África. O ensinamento da história da África nas escolas é uma luta que devemos travar juntos.

Gostaria de finalizar minha fala simplesmente dizendo que evangélicos, o povo de santo, independente da religião, somos negros, somos África, somos irmãos.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5584-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or. Elton Santana

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao tenente Elton Santana, aqui representando o coronel geral da Polícia Militar, coronel Castro.

O Sr. ELTON SANTANA:- Boa tarde, Exmo. Deputado; boa tarde a todos os presentes.

Gostaria de, óbvio, como bem foi dito, pedir licença, pedir benção aos meus mais velhos, aos meus ancestrais, em especial à professora Ana Rita Santiago, que exemplifica essa legislação e foi um dos motivos pelos quais vim aqui ao aflorar das horas, pois exemplifica o quanto a educação é importante nesse processo. Na Academia de Polícia Militar foi a primeira pessoa que me falou sobre esta questão, por incrível que pareça, a primeira professora que veio trazer esse entendimento sobre a importância da África e a importância da religião de matriz africana na minha vida. Muito obrigado.

A Polícia Militar, através dessa notícia do Sr. Coronel Castro, através do Nafro/PM, que é o primeiro núcleo de religião de matriz africana no Brasil, hoje já existe no Rio de Janeiro e em São Paulo, e também, por extensão, através do grupo de teatro da Polícia Militar, do qual sou coordenador e diretor, nos colocamos à disposição para reiterar esse processo, sabemos que muito ainda precisa ser feito, mas contem a Polícia Militar, com o Nafro/PM e com o grupo de teatro para que esse processo seja bem estabelecido. Espero que no meio de Dandalunda nos tornemos pequenos enquanto seres humanos, mas grandes diante da imensidão e da importância da África em nossas vidas.

Muito obrigado e boa-noite. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5585-III

Ses. Esp. II 23/05/13

Or. Maria del Carmem

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo à palavra à deputada Maria del Carmem.

Enquanto a deputada se organiza para falar, vou ler uma correspondência que chegou à mesa: “Deputado Bira Corôa, obrigada por proporcionar aos estudantes do Alaor Coutinho a oportunidade de participar de um evento que marca um momento histórico de transformação para o povo negro.” assinado pela professora Socorro. (Palmas)

A Sr^a MARIA DEL CARMEM:- Boa-tarde a todos. Quero iniciar minhas palavras, o deputado Bira Corôa me toma de surpresa, a única que não poderia ou não deveria estar falando neste momento, mas me emociona. Quero iniciar minhas palavras lhe parabenizando. Tenho feito questão de estar em todas as audiências que comemoram este dia tão importante para a memória brasileira e de todos nós que temos, eu diria, um débito. A civilização da qual sou originária tem um débito com a população brasileira, americana e africana também, porque foram os causadores dessa triste lembrança que foi a escravidão.

A escravidão na antiguidade foi algo constante entre todos os povos no momento da dominação, mas a escravidão que se constituiu na América foi algo extremamente perverso e impossível. Acho que essa é uma dívida histórica, até impossível de ser superada. Mas a superação do amor, como foi dito aqui pelo nosso jovem, é muito mais importante e muito maior.

Quero lhe parabenizar, Bira, pela sua trajetória nesta Casa, pelo seu mandato, pelo que você representa nesta Casa na defesa dessa bandeira do direito e da reparação. Quando tivemos que decidir no início deste ano, permita-me que eu conte, no momento em que a Bancada do PT tomou a decisão, como é constante, de decidir ano a ano fazer uma permuta entre diversas funções que temos na Casa, a Comissão de Reparação era a última que faltava e, por ordem, caberia a mim presidi-la. E eu disse: como é Bira, que eu branca, loira,



espanhola vou presidir essa comissão? Essa comissão só pode ser presidida na Casa por Bira. Acho que justiça tem que ser feita. (Palmas)

Por isso fiz questão de vir aqui, porque sua história, sua trajetória, sua vida o credenciam a estar aqui nesta tarde fazendo esta sessão mais uma vez e fazendo as diversas atividades que você faz na Comissão da Reparação. Então, de forma emocionada, eu me curvo aos ancestrais dessa África querida e admirada. E espero algum dia, antes da minha morte, que eu ainda tenha a oportunidade de conhecê-la para louvá-la, parabenizá-la e admirá-la.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



5586-III

Ses. Esp. II. 23/05/13

Or. Delegado Deraldo Damasceno

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos, nobre deputada.

Concedo a palavra ao deputado Delegado Deraldo Damasceno. (Pausa) Enquanto ele se organiza, quero registrar a presença do Sr. Augusto Cardoso, que neste ato está representando o professor Jaime Sodré.

O Sr. DELEGADO DERALDO DAMASCENO:- Boa noite a todos.

Eu quero cumprimentar... Aliás, você não disse para breves saudações, mas é o que vim fazer nesta tribuna. Vou cumprimentar a Mesa nome por nome. Sei que aqui não tem gente vaidosa, mas a música mais importante que ouvimos é o nosso nome. Aprendi isso. Quero fazer este exercício nesta noite, até porque desejo conhecer cada pessoa que está nesta Mesa.

Começo cumprimentando o senhor proponente da sessão, deputado Bira Corôa. Sempre o chamo de “Bira das Coroas”, porque são muitas as eleitoras coroas. Mas ele diz que também é das jovens, porque há muitas jovens que são suas eleitoras. Na verdade, Bira Corôa, você é uma pessoa admirada por todos, um homem comprometido com as causas sociais. Sou seu fã. Se não fosse candidato a deputado, com certeza votaria em você. Mas, como sou, na próxima eleição vou dizer àqueles amigos que não votarem em mim que votem em Bira Corôa. (Palmas!)

De fato, quero parabenizá-lo por este evento muito importante da comemoração do Dia da África aqui na nossa terra. À tarde, ao passar pela Assembleia, vi uma porção de irmãos entrando e saindo. E me perguntei: “O que estão fazendo aqui os meus familiares?” Responderam-me: “É uma sessão especial promovida pelo Bira Corôa.”

Eu tinha muitos compromissos, Bira Corôa, mas não poderia deixar de passar por aqui para ver de perto e cumprimentar todos os irmãos que se encontram neste Plenário.



Irmãos de luta, irmãos de cor. Estou sentindo-me em minha própria casa, a África, porque é de lá que venho.

Deixe-me cumprimentar os demais. Sr. Secretário de Promoção da Igualdade Racial, Elias Sampaio, representante do governador Jaques Wagner; Sr. Deputado Federal Amauri Teixeira; Magnífico Reitor da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Professor Paulo Gabriel Soledade Nacif; Sr^a. Yaliroxá Jaciara Ribeiro, representante da Secretária de Políticas Para as Mulheres, Vera Barbosa; Sr. Membro da Nafro-PM, Tenente Elton Santana, representante do Comandante-Geral da PM, Cel. Alfredo Castro; Sr^a Amélia Maraoux, Superintendente de Desenvolvimento da Educação, representante do Secretário da Educação Osvaldo Barreto, Amélia, a mulher de verdade, e quem quiser que diga o contrário; Prof^a Vânia Machado, Mestre e Doutora pela UFBa. Tudo bom, doutora? É um prazer conhecê-la; Sr. Camilo Afonso, adido adjunto cultural da embaixada de Angola no Brasil, diretor da Casa de Angola em Salvador, você parece comigo, ouviu, Camilo, mas é mais bonito do que eu; Sr. Fábio santana, representante da Fundação Cultural Palmares Bahia/Sergipe. Eu estava ouvindo você. Você é do Subúrbio? Foi de lá que eu vim e trabalhei, ainda mora lá, não é? Trabalhei lá, morei lá, servi a vocês com muita honra. Sr. Professor letrista e compositor, que ninguém conhece, Jorge Portugal (palmas), grande expressão na cultura e na educação da Bahia. Sou seu admirador, Jorge, que Deus o abençoe e ilumine sempre. Sr. Representante da Associação dos Empresários Negros, Mário Nelson Carvalho, grande Mário. Seu projeto já está na mão de Bira Corôa, viu Mário. Converse com ele. Sr. Secretário de Governo Nilton Mário, representante do prefeito do Santo Amaro, Ricardo Machado; Sr. Presidente estadual da AME Brasil, apóstolo Antônio Carlos Lima; Sr. Representante da OAB, Sérgio São Bernardo. Tudo bem, Sérgio? Ouvi seu discurso, legal. Sr^a Deputada Maria del Carmem, grande mulher, também, comprometida com as causas sociais e com um grande coração. Sou apaixonado por ela, e ela não sabe.

Diante de um evento tão importante, com tanta gente importante, eu não poderia ficar calado. Quero dizer que, nesse momento, sinto-me realmente em casa, entre irmãos. Estamos aqui para homenagear a cultura e a promoção da igualdade social, não é professor?



O que é uma grande conquista para nós negros. Na verdade, o preconceito racial ainda se faz presente nos dias de hoje. Com certeza, em menor escala, mas ainda se faz, professor. O negro ainda não conquistou o espaço que lhe é devido, porque o problema do negro, e estou falando de mim, não é apenas de cor, mas é econômico, é social. São essas barreiras que temos que suplantar para alcançarmos realmente melhores dias.

Acho que já progredimos muito, mas ainda não é suficiente. E um dia irá acontecer, ou em breve, porque os políticos já estão ficando com as suas consciências despertadas no sentido de que o povo que constrói essa Nação seja realmente libertado.

Olha, quando falo assim, falo de mim mesmo. Vim da favela, onde morava numa casa de taipa e não tinha o que comer. Vi minha mãe chorando muitas vezes, porque não tinha um pedaço de pão para dar aos seus filhos, e um dia ela me disse: “Deraldo, estude para ser doutor, para poder comer pão com manteiga”, porque pão com manteiga, na minha casa, era luxo. Mais tarde entendi o que minha mãe quis dizer.

Depois de ter sido lavador de carros, vendedor ambulante na Baixa dos Sapateiros, com muita honra, carregador de malas na rodoviária, soldado, estudei, fiz concurso para a Polícia Civil, onde obtive o meu melhor emprego, como investigador, ainda.

Entendi que minha mãe não quis dizer que eu teria que ser doutor para comer realmente pão com manteiga. A mensagem de minha mãe que com certeza queria passar é que somente através da educação é que podemos alcançar ascensão social. (Palmas)

Aqui fica o meu conselho para os estudantes e os irmãos que, como eu, atravessaram esse mar de dificuldade, perseverando na fé em Deus e trabalhando para conquistar dias melhores através da educação, esse terreno que vocês, aí da Mesa, palmilham.

Bem-aventurados sejam vocês em nome de Jesus, porque levam a verdadeira luz às trevas da ignorância, onde a maioria de nós, negros, nos encontramos.

O meu melhor emprego foi a polícia. Sou um negro da polícia, e a maioria também. Tive a sorte de, depois ter me formado em Direito, com muito sacrifício, tornar-me delegado de polícia por concurso público. Quis o destino que eu fosse servir lá na 5ª



Delegacia, no Subúrbio Ferroviário, onde a maioria de nós, professores, estamos instalados. Tive a oportunidade de dizer aos irmãos que, ali, eu estava para cumprir a lei, mas também estava para tratá-los com a dignidade que eles mereciam.

Durante aquele período que lá estava, nenhum negro, nenhum irmão foi maltratado pela autoridade policial. O trabalho foi feito de tal maneira que, como titular daquela delegacia, as pessoas buscavam mais o chefe, que era eu, do que o plantonista. E assim conquistamos aquela população e mostramos aos irmãos que estavam em erro que não seria aquele caminho o certo para a conquista merecida de dias melhores.

Nunca pensei na minha vida em ser deputado. Pensei em ser delegado de polícia, que já era uma conquista difícil. Mas um dia dormi delegado e acordei deputado. Estou aqui para, na companhia do ilustre deputado Bira Corôa e de tantos outros, trabalhar por todos os nossos irmãos que compõem a maioria da nossa sociedade baiana e brasileira.

Muito obrigado. Que Deus os abençoe. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5587-III

Ses. Esp. II.23/05/13

Or. Milton Mário

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Íamos iniciar a entrega das honrarias, mas passo a palavra, para uma breve saudação, ao secretário do município de Santo Amaro Milton Mário, aqui representando o prefeito Ricardo.

E já convido o professor Jorge Portugal para se aproximar a fim de iniciarmos a segunda etapa deste evento, que é a entrega das honrarias.

O Sr. MILTON MÁRIO:- Exmº Sr. Deputado Bira Corôa, na pessoa do professor Jorge Portugal, conterrâneo, saúdo toda a Mesa; e na pessoa do vereador Raimar saúdo todos os vereadores que estão aqui.

Digo, em nome do prefeito Ricardo, que é uma honra muito grande para o nosso município esta homenagem que esta Casa presta à professora Zilda Paim. Uma homenagem, professor Jorge Portugal, que o nosso município, infelizmente, não teve a honra e a presteza de fazê-la anteriormente.

Mas a atual administração, comandada pelo prefeito Ricardo Machado, o professor Jorge Portugal e o Magnífico Reitor não irão medir esforços para que façamos uma justa homenagem, mesmo que tardia.

Gostaria de dizer que Santo Amaro é a cidade que consideramos a mais negra do interior da Bahia. Sem sombra de dúvida, é um celeiro, um berço de cultura. Entretanto, sem nós negros ela não seria essa efervescência cultural, exemplo para a Bahia e para o Brasil.

Portanto, deputado Bira, fica aqui o agradecimento e o compromisso do prefeito Ricardo de que Santo Amaro, sem sombra de dúvida, continuará valorizando a cultura afro-brasileira.

Muito obrigado. Tenham uma boa-noite. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5588-III

Ses. Esp. II 23/05/13

Or. Jorge Portugal

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, convido o professor Jorge Portugal para fazer a entrega da honraria ao vereador Raimar, que a receberá pela professora Zilda Paim, *in memoriam*.

O Sr. JORGE PORTUGAL:- Convidei a família da professora Zilda Paim para que estivesse aqui, naturalmente. Mas, tomados por fortíssima emoção, já que ela faleceu há pouco mais de 1 mês, eles não puderam vir. Valmar Paim – um dos netos dela e a pessoa que mais organiza todos os acontecimentos em torno da memória da grande mestra –, que é um grande músico, baterista da Banda Chiclete com Banana, está no Rio de Janeiro. Falei com ele há pouco e perguntei: “E aí, Valmar, nem Valtinho veio nem João Paim pode vir”. Esses são os outros irmãos deles. Ele disse: “Então você está autorizado a entregar o troféu a Raimar, vereador de Santo Amaro, pois é amigo de Valmar e amigo da família”.

Então, convido o vereador Raimar para receber o troféu em nome da família Paim.
(Palmas)

(O Sr. Raimar Costa recebe a honraria das mãos do professor Jorge Portugal.)

(Não foi revisto pelo orador.)



5589-III

Ses. Esp. II 23/05/13

Or. Raimar Costa

O Dia da África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra à Raimar Costa.

O Sr. RAIMAR COSTA:-Boa noite a todos e a todas. Gostaria de agradecer em nome da família Paim essa grande e justa homenagem à nossa historiadora, conterrânea, professora e amiga Zilda Paim.

Obrigado, Bira Corôa, obrigado a esta Casa que faz esta homenagem.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. II 23/05/13

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Vamos entregar a honraria a outro colega nosso que tanto tem contribuído com essa nossa luta, o professor Elias Malaquias da Silva, sociólogo, professor, arte-educador que muito tem contribuído para a transformação dessa nossa sociedade. Hoje ele é diretor da Associação de Cultura Popular Carcará e fundador da Associação dos Terreiros de Candomblé Pássaros das Águas.

(Entrega de honraria ao professor Elias Malaquias da Silva.)

Quero convidar também para receber a homenagem a professora Aidê da Costa Carvalho Ribeiro, pedagoga, arte-educadora, poetisa, professora, negra, filha de Oxum, especialização em Arte e Educação pela UFBA. O seu currículo é extenso demais, basta dizer que vem fazendo um trabalho importante na educação do Estado da Bahia. Com muita satisfação lhe passamos essa identidade de reconhecimento.

Convido Marinelson para fazer a entrega à professora Aidê.

(Entrega de honraria à professora Aidê.)

A Sr^a Aidê da Costa Carvalho Ribeiro: - Boa noite a todos e todas. É uma grande honra estar aqui. Eu, Aidê, represento as educadoras e, por que não dizer, os educadores invisíveis, que fazem do seu espaço de trabalho um espaço de luta. É uma luta árdua, mas que a gente tem resposta.

Quero agradecer a Bira, o deputado, e ao amigo Bira Corôa por essa iniciativa fantástica, de sermos reconhecidos e podermos entrar nesta Casa. Quando eu era jovem como vocês não tive oportunidade de chegar aqui. Mas quero saudar a todos os presentes em nome de uma pessoa que, para mim, é emocionante dela falar. Eu a conheci há 15 anos e é a grande responsável pelo meu trabalho em educação, quem me inspirou e me fez acreditar que era possível dentro do meu espaço de trabalho estabelecer o espaço de luta, que é a minha grande professora e minha grande amiga Vanda Machado.

Quero uma salva de palmas para ela.



Quero agradecer à minha filha Marta, ao meu filho Leonardo, a meu marido há 30 anos, companheiro de todas as minhas lutas. Obrigada, Normando, por tudo. A meu irmão Emanuel, a meu irmão Mário, e a todos os presentes.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar a deputada Maria Del Carmen para entregar a professora Ana Célia da Silva, do Ile Aiyê. (Palmas.)

A professora Ana Célia da Silva possui graduação em pedagogia pela Universidade Federal da Bahia, mestrado em educação pela Universidade Federal da Bahia, Doutora em educação pela Universidade Federal da Bahia. Seu currículo já expressa o quanto ela tem contribuído para a educação e para a transformação da realidade de uma sociedade que inclui a todos e a todas.

(O Sr. Deputado Bira Corôa e a Sr^a Deputada Maria del Carmen entregam o Troféu Zilda Paim a homenageada.)

A Sr^a Ana Célia da Silva:- Boa noite a todas e a todos, agradeço esta grande homenagem do deputado Bira Corôa e quero dizer que a história da África, a história dos negros do Brasil sempre existiu no currículo, fora do currículo trazida por nós, militantes do Movimento Social Negro.

Sempre houve história da África cantada pelos blocos afros, pelos afoxés, pelas instituições religiosas e irmandades. Inclua-se ou não a história da África no currículo, ela vai continuar existindo sempre pelo currículo paralelo desenvolvido por nós.

Gostaria de dizer no Dia da África, que precisamos lutar pela vida dos descendentes de africanos que aqui estão em condições desiguais para a grande contribuição que eles deram ao Brasil, deram e estão dando.

E, neste momento, gostaria de dizer não a redução da maioria das nossas crianças e jovens negros (palmas). Gostaria de pedir que os deputados, pessoas presentes aqui se preocupassem com o extermínio das crianças e jovens negros, que fizessem algo para que se pare de matar as nossas crianças, nossos jovens negros. Eles são pessoas criminalizadas, excluídas sem oportunidades, na sua grande maioria. Eles precisam de vida. Nós precisamos de vida.



Então, meu momento hoje no Dia da África, considerado por vocês é: não matem nossas crianças, não matem nossos adolescentes.

Obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):- Quero convidar o apóstolo Lima para entregar o troféu a professora Deise, diretora da Escola Sete de Setembro no subúrbio Ferroviário (palmas).

A professora Deise é historiadora, psicopedagoga, especialista em história da cultura afro-indígena, mestre e doutora em educação contemporânea pela Universidade do Estado da Bahia, Uneb e coordenadora do Projeto Caiodê no Colégio Estadual Sete de Setembro. É, também, autora do livro *Tá Repreendido em Nome de Jesus*.

(Entrega do troféu Zilda Paim a homenageada.)

A Sr^a Deise de Jesus Santos:- Boa noite a todos e a todas. Gente, não dá para fazer um discurso agora, porque estão todos inquietos.

Queria fazer alguns agradecimentos, primeiro agradecer a Bira pela iniciativa e pelo convite. É muito importante está aqui hoje, porque a gente veio ao longo de alguns anos de trabalho, já com uma proposta desde 2012, antes da lei, mas quero registrar que eu sou cria da professora Vanda, fui alfabetizada pela família Machado, e não poderia ser diferente. Então, agradeço à professora Vanda pela contribuição em minha vida.

Quero dizer que essa conquista não é só minha, mas do colégio Estadual 7 de Setembro (muitas palmas), do diretor Diógenes Ribeiro, da professora Marta, vice-diretora da escola, do professor Delson e de todos os meus alunos que são o motivo da minha caminhada, que são os responsáveis pelo meu currículo hoje.

Muito obrigada a todos vocês. É um imenso prazer, inclusive, ter vocês aqui presentes neste momento tão importante para todos nós.

Muito obrigada. (palmas, muitas palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar o professor Camilo Afonso para homenagear a professora Vanda Machado, que é educadora do Terreiro Opó Afonjá.

(O Professor Camilo Afonso procede à entrega da homenagem)



O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Vou dispensar o currículo porque já foi apresentado no início.

A Sr^a Vanda Machado:- Eu estava muito emocionada, cedo, mas agora a emoção fica maior.

Essa honraria que foi entregue por um ancestral, é como se eu fosse agraciada agora com a ancestralidade masculina da minha família. Eu agradeço por isso, agradeço a sensibilidade.

Peço licença para uma cantiga que se canta muito no Candomblé. A tradução metafórica é a seguinte: um pássaro sozinho não faz revoada, muitos pássaros fazem uma festa, fazem um “Xirê”. Então, a cantiga é assim – (a professora Vanda Machado entoava uma canção).

(Palmas, muitas palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar a deputada Fátima Nunes para entregar a honraria à professora Simone Magalhães, coordenadora da Escola do Olodum.
(Palmas, muitas palmas)

Mestrado em educação e contemporaneidade, dissertação em curso da Universidade do Estado da Bahia, a Uneb; especialização em relações raciais, gênero e sexualidade pela Uneb; graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Católica do Salvador, vem desenvolvendo um trabalho junto à cultura, mas em especial a jovens meninos e meninas que com o Olodum tem tido a oportunidade de construir uma cidadania.
(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra Simone Magalhães.

A Sr^a Simone Magalhães:- Boa-noite. Falar depois de baluartes da educação, de meus mais velhos, na minha religião, falar depois de Dr. Sérgio São Bernardo, da professora Wanda Machado, da professora Ana Célia, minha referência, quem me estimulou a ser o que eu sou hoje, a minha caminhada eu devo a Ana Célia, por que foi sempre quem me disse : você pode, você consegue. É muito difícil.



Mas, para resumir, eu sei que estão todos cansados, quero agradecer ao deputado Bira Corôa por lembrar da minha contribuição, quero agradecer ao meu Terreiro Ilê Axé Oiá Deji, eu sou filha de Oxumaré, que é de Iansã. Na verdade, a minha primeira formação é na religião de matriz africana. E agradecer a uma pessoa muito especial para mim, que é Lindinalva de Paula.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar o Dr. Sérgio São Bernardo para entregar nosso reconhecimento ao diretor da Casa de Angola, professor Camilo Afonso. (Palmas)

O professor Camilo Afonso é licenciado em História pelo Instituto Superior em Ciência de Educação; pós-graduado em História e África pela Faculdade de Letras de Lisboa, e doutorado em Educação Contemporânea, que hoje assume o papel de adido cultural adjunto, na Embaixada de Angola no Brasil, e diretor do Centro Cultural Casa de Angola, na Bahia. (Palmas)

O Sr. Camilo Afonso:- Eu queria só fazer um reparo, eu estou no doutorando, sou doutorando na Uneb, na linha de educação, sobre Educação Tradicional de Angola e suas interconexões com o Recôncavo Baiano.

Deputado Bira Corôa, muito obrigado por este momento, nos 50 anos da África.

Quero me dirigir aos jovens. Quem está a falar para vocês nunca estudou a história nem da Angola, nem da África. Começou a estudar a história da Angola e da África após a nossa independência, a 11 de novembro de 1975.

Coragem para estudar a história da África, buscai a vossa verdadeira identidade. Por isso, este momento que está a acontecer é um momento marcante para todos nós. Nossa história é aquela, dos que já leram, é aquela que não podia fazer parte de nós ou da história universal. E ao receber esta grande lembrança, aos 50 anos da libertação do Continente Africano, quero também dedicar ao meu professor Malhano, o primeiro professor que até hoje se encontra em Angola, porque nós não tínhamos professores especializados em História da África, professor Bubakar Namuri. Está em Angola desde 1984. E neste



momento que vos falo coordena a cátedra de História e Antropologia da África. Se não fosse ele, eu não estaria aqui, a falar nesta manhã.

E a todos vocês, o meu muito obrigado. Espero dar o meu contributo enquanto estiver aqui, com vocês, para que possamos estudar e aprofundar ainda mais aquilo que nos une: nossa identidade africana.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Agradeço à *TV Conexão*, de Camaçari, pela cobertura que está sendo feita do evento.

Registro as presenças do diretor da Direc I-A, professor Rainer; também do jornalista Sandro Oliveira, diretor de Comunicação da Agência In Bahia e diretor de Comunicação da UST, membro da AME Brasil.

Neste momento, convido o tenente Elton Santana para entregar a honraria à professora a Vilma Maria do Nascimento. (Palmas)

A professora Vilma Maria do Nascimento possui graduação e licenciatura em História pela Universidade Federal da Bahia, mestrado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Como pesquisadora, atua, principalmente, nos temas cidade, cultura, medicina popular, práticas de cultos populares e atividades femininas. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra a professora Vilma Maria do Nascimento.

A Sr^a Vilma Maria do Nascimento:- Boa-noite aos presentes.

Eu gostaria de expressar meu agradecimento pela honra de estar recebendo esta homenagem e estendê-la a todos os meus colegas professores que, no cotidiano, fazem um trabalho de conscientização da importância da identidade negra, da cultura negra, da contribuição que nós demos – porque eu me incluo, na condição de afrodescendente – na formação da sociedade brasileira.

Agora, mais do que nunca, quero também enfatizar a importância que nós, professores de História, temos em sala de aula, no sentido de desconstruir a ideia do africano



enquanto escravo. O africano que foi escravizado, mesmo no contexto da ordem da escravidão, foi sempre sujeito histórico e resistiu de variadas formas, sutis ou explícitas, a partir da fuga e de outras formas de resistência. E que até mesmo puderam utilizar-se dos instrumentos da sociedade letrada, a partir da busca das ações da liberdade.

Eu fico emocionada, porque considero fantástico negros escravizados terem a percepção de que podem, juridicamente, a partir dos instrumentos dos dominadores, buscarem também a luta e resistirem à ordem da escravidão. E fico emocionada, pois é um momento tão importante na minha trajetória acadêmica e só tenho a agradecer.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar a deputada Fátima Nunes para entregar à professora Iêda Pessoa de Castro, aqui representada por sua filha Ana Pessoa de Castro. (Palmas)

(A deputada Fátima Nunes faz a entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- A Prof. Iêda Pessoa de Castro, etnolinguista, é doutora em línguas africanas, membro da Academia de Letras da Bahia e do Comitê Científico Brasileiro do Projeto Rota do Escravo da Unesco, professora da Uneb, estando à frente do NGEALC- Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Cultura do qual é fundadora. (Palmas)

A Sr^a Ana Pessoa de Castro:- Boa-noite a todos.

Em nome da Prof^a Iêda, minha mãe, gostaria de agradecer. Ela não pode vir porque está em outro compromisso em São Paulo.

Agradeço muito ao deputado Bira Corôa pela homenagem. E gostaria de dizer que minha mãe, a Prof^a Iêda, é uma filha de Oxum Apará, baiana de pele branca, como ela mesma diz, que dedicou a vida a pesquisar e difundir a importância das culturas e línguas africanas na formação do povo brasileiro.

É muito emocionante estar aqui hoje em nome dela agradecendo a todos vocês. E esse reconhecimento é um reconhecimento que ela recebe de coração.

Muito obrigada a todos vocês e boa-noite. (Palmas)



O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Vou quebrar um pouco o protocolo e convidar o Prof. Lucas para entregar a honraria *in memoriam* à D.Adélia Inês Viana Costa, mãe do nosso colega saudoso Prof. Vinícius Viana, do município de Camaçari.(Pausa) (Palmas) Fiquei um pouco emocionado, desculpem. Quase não consegui falar.

(Entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- O Prof. Vinícius, um jovem do município de Camaçari, durante o seu pouco tempo de vida contribuiu para a transformação da realidade de centenas, milhares, de jovens daquele município.. Foi pioneiro de um programa de educação popular e implementou o curso pré-vestibular para negros e negras na perspectiva de contribuir para que outros jovens como ele pudessem adentrar à universidade.

Vinicius, assim como Jorge Portugal, criou no nosso município uma tradição, o aulão que ele fazia incluindo todos os segmentos da cultura popular do nosso município, cantando em versos e prosas, e ministrando uma aula de história como ninguém. Esse jovem partiu muito cedo, mas deixou uma marca muito forte em Camaçari e na Educação do nosso município. (Palmas)

(É feita a entrega da homenagem)

A Sr^a Adélia:- Gente, muito obrigada, essa homenagem é para meu filho, estou muito emocionada. É o resultado de um grande trabalho dele que vou guardar. E sei que ele está participando, está aqui vendo tudo isso e está comigo.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa): - Quero convidar o vice-prefeito de Juazeiro, Irmão Francisco, para entregar a honraria ao professor Borges, ex-vereador no município de Governador Mangabeira e, hoje, secretário de Promoção da Igualdade no município de Mangabeira.

O professor Borges é licenciado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, realizou duas especializações pela Uneb - Universidade Estadual da Bahia, uma em História Regional e outra em História e Cultura Afro-Brasileira, Africano e Indígena (Palmas)



(É feita a entrega da homenagem)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- É bom destacar que o professor Borges foi um incansável lutador para que o município de Governador Mangabeira tivesse uma mulher negra conduzindo aquele município, uma mulher que foi babá, que foi empregada doméstica dos dois políticos tradicionais do município, e que ela derrotou. Borges travou uma luta incansável para implementar na estrutura orgânica do município de Governador Mangabeira a Secretaria de Promoção da Igualdade, por acreditar que transformar a realidade da sociedade e implantar a educação é, acima de tudo, produzir condições igualitárias.

O Sr. Professor Borges:- Boa-noite a todos e a todas. Para nós é uma alegria imensa estar aqui. Quero agradecer a você, hoje já me considero um amigo, e a toda sua equipe, na figura de Jorginho, Lindinalva, Vanderlino e todos os outros. Nosso muito obrigado a todos os presentes. É uma honra estar aqui ao lado de vocês, dessa figura ilustre que é o professor Jorge Portugal; do tenente Elton, que outro dia esteve lá fazendo um brilhante trabalho com a juventude, é bom revê-lo, espero poder levar a peça novamente para a nossa cidade. A todos aqui presentes nosso muito obrigado, para a gente é uma satisfação imensa. Agradecer também aos jovens da Sepromi que vieram hoje conosco, Cássio e Daniel. E dizer que essa honraria é para o povo de Governador Mangabeira. Também endereçar essa homenagem à prefeita Domingas, que não pode estar aqui presente por outras questões, como Bira bem falou, tem uma luta árdua em nosso município, de tentar a todo instante provar que ela é capaz, mas está lá resistindo às perseguições de uma elite branca, dominadora, que não enxerga que o negro também é capaz de produzir governos de qualidade.

Então, queremos agradecer a vocês e dizer que a nossa Secretaria tem pouco tempo e já está realizando atividades. Hoje mesmo realizamos várias atividades nas escolas, palestras sobre o dia da África e contamos com o apoio de V.Ex^{as} para realizarmos mais atividades nesse sentido.



Muito obrigado a todos. Nosso muito obrigado de coração a essa simpatia que você tem por Governador Mangabeira. O povo de Governador Mangabeira lhe agradece de coração e muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar nesse momento o Secretário de Santo Amaro para entregar à professora Maria das Graças de Oliveira Rocha, do município de Camaçari.

Maria das Graças, professora da rede municipal de Camaçari, da rede municipal de Camaçari da Escola Municipal Ilay Garcia Ellary, ensino fundamental 2 e da rede estadual da Bahia, escola Zilma Gomes Parente Barros. Assim como todos os educadores e educadoras, Maria das Graças também vem incutindo e incluindo no contexto das escolas onde trabalha a cultura e a história da África como afirmação da nossa africanidade e acima de tudo da consolidação da sociedade que acreditamos. O Colégio Ilay Garcia é uma referência no município de Camaçari e tem uma atuação participativa. A comunidade interage com a escola no seu cotidiano, uma escola aberta onde a comunidade faz uso todos os dias, incluindo os finais de semana e a professora tem uma contribuição importante nesse papel.

(Entrega da homenagem) (Palmas)

A Sr^a Maria das Graças de Oliveira Rocha:- Boa-noite a todos.

Gostaria de agradecer a homenagem e dedicar esse troféu a todos os professores leigos da escola pública, porque sou professora de escola pública, fui criada no bairro periférico chamado Beiru, que tem uma história com a África, com o Candomblé, com todo o povo. Hoje não estou mais lá, estou em Camaçari, na San Martim e gostaria de oferecer ao aluno da escola pública e dizer que acredite que é possível pela escola. Todo o meu ensino fundamental foi feito em escola pública.

Esse ano tive mais uma conquista de, ao fazer 50 anos, tornar-me bacharel em Direito. Foi mais uma das minhas conquistas e venho de escola pública. Quero dizer aos alunos de escola pública que é possível.



Agradeço ao deputado Bira Corôa por ter presenteado a todos os afrodescendentes com esse dia, como aos demais que fazem parte da Mesa.

Muito obrigada mesmo. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Vou chamar aqui agora, de jovem para jovem, Fábio Santana para entregar a homenagem ao professor Lucas Neto, do município de Camaçari.

Professor Lucas Neto, coordenador da promoção da Igualdade da Prefeitura Municipal de Camaçari, órgão ligado à Secin, Secretaria da Cidadania e Inclusão, bacharel em Francês pela UFBA, Universidade de Paris, licenciado em Português e Inglês, especialista em Estudos Culturais, História e Linguagens. É também mestrando em Literatura e Cultura Afro-Brasileira. Lucas Neto igualmente vem da mesma escola em que o professor Vinícius era parceiro e contribuinte no mesmo projeto. E consequentemente arca com a responsabilidade de dar continuidade ao que os dois e mais uma série de outros jovens sonhadores implementaram e realizaram no município de Camaçari. (Palmas!)

(Entrega da Medalha.)

O Sr. Lucas Neto:- Boa-noite a todos. Peço licença aos meus mais velhos e aos meus mais jovens: agô, salve! Queria, deputado Bira Corôa, pessoal da Mesa, saudar todas as mulheres pela nossa ilustre yalorixá e dizer que Bira Corôa só acertou na mosca, porque, apesar da juventude, ainda não vi um momento como este em que os educadores e educadoras são homenageados com esta magnitude e importância. O valor simbólico para nós é muito importante.

Quando escolhi ser professor e tive esse *insight* para essa profissão, me disseram que eu era doido. Quando escolhi essa temática na Literatura Brasileira e Africana, perguntaram se queria mudar o mundo. Eu dizia: “Não. O mundo talvez não possa mudar. Mas o meu mundo, o mundo das pessoas no qual estou envolvido e que me envolvem certamente será mudado por mim e por elas.”

Então, deputado, parabéns! Sinto-me imensamente contemplado e nervoso depois de tantas falas altamente qualificadas dos meus colegas e fico sem palavras, porque todas as



palavras foram ditas de maneira brilhante e maravilhosa. Bira aprontou uma comigo, e eu não estava preparado para fazer essa homenagem ao professor Vinícius, que foi uma pessoa muito importante para mim, pois trocamos diversas experiências e diálogos de como transformar a sociedade e a periferia de Camaçari através daquilo que nos fortalece e nos constrói, o amor pelo que fazemos, e daquilo em que acreditamos, a educação.

Obrigado. (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero fazer uma correção. Neo/Neves, o casal de porta-bandeiras do Estado da Bahia, é de Salvador. E eu tinha dito de São Paulo. Na verdade, são conterrâneos e baianos como todos nós.

Quero neste momento convidar a professora Vanda Machado para fazer a entrega a um jovem. E comecei perto dele como educador. Tive o privilégio de ouvir alguns discursos em que ele também ensinou. Trata-se de um patrimônio nosso na nossa educação da Bahia hoje, o professor Jorge Portugal.

(Entrega da Medalha.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Jorge disse que já falou demais e dispensou o uso da fala. Já que ele está aqui sem falar, vou aproveitar para que ele faça a entrega da medalha a um outro educador social que tem feito um trabalho importante.

Uma Bahia em que a discriminação e a repressão é muito forte, na periferia da nossa cidade de Salvador, nas cidades, na Região Metropolitana e no interior do nosso Estado a força da marginalidade, a intervenção e ausência de políticas e ações públicas têm empurrado a nossa juventude à margem dessa mesma sociedade.

Convido o professor Lázaro Cunha que, pela sua história de vida, não apenas na Stive Biko, mas em toda sua intervenção tem contribuído para que jovens, meninos e meninas, sejam inseridos na sociedade.

(Entrega da medalha)

PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com palavra Lázaro Cunha.



O Sr. Lázaro Cunha:- Boa-noite a todos. A gripe quase não me está deixando falar, mas eu preciso agradecer à premiação que coroa justamente o trabalho do movimento negro, o qual é refletido na Steve Biko.

Aproveito este momento para externar uma preocupação nossa, do movimento negro, tendo em vista esse debate da redução do limite da idade de responsabilidade penal. Sabemos muito bem a quem está endereçada essa política, o que nos preocupa, porque sabemos do potencial que essa juventude tem, o trabalho que fazemos, e que não pode ser ceifada da forma que queremos.

Acho que é hora de nos pronunciarmos em relação a isso. Acho que a mídia nunca colocou tanto, nas telas, os crimes cometidos contra pessoas com idades inferiores a 18 anos. Precisamos mobilizar-nos.

Aprendemos no movimento social ter uma visão crítica da própria mídia, temos uma visão das informações manipuladas. Ninguém aqui está negando a dor dos que sofrem com violência vinda das pessoas que praticam crime. Não é isso. É perceber que a resolução do problema não é reduzir a idade de responsabilidade penal. O que será feito? Reduzir para 16 anos, depois para 15, 14 anos? Depois culpará a mãe por ter gerado o filho, como já tentaram fazer, quando queriam que as mulheres negras não parissem mais.

Precisamos ficar atentos a essa nova luta que faz parte da nossa história. E, perceber que o Congresso Nacional não tem moral para responsabilizar a juventude pela violência que está acontecendo em nosso País, tendo em vista que é no Congresso Nacional que se pratica boa parte da sabotagem contra essa juventude.

Nossa juventude tem sido historicamente sabotada pelas políticas do Estado, isso é historicamente verificado, e não podemos ficar de braços cruzados simplesmente, tendo uma saída mais fácil, que é condenar a juventude. Mais uma vez, repito, não é uma questão de insensibilidade em relação às pessoas que sofrem com a violência. Não é isso, a questão é ir a fundo no problema, não é simplesmente, com uma solução fácil, reduzir a idade penal.



É preciso garantir uma educação de qualidade para essas pessoas, de forma que consigamos tirar todo potencial que essa juventude tem, o que eles têm de positivo, toda energia positiva.

É muito estranho ver na Bahia, por exemplo, a maioria nos cárceres ser de jovens negros. A mesma coisa nos Estados Unidos, onde a população negra é minoria, mas os negros não são minoria nos cárceres.

Então existe, de fato, uma coisa orquestrada para a população negra, onde quer que ela esteja, ficar dentro das prisões. Não é a primeira vez que tentam culpabilizar a juventude negra. Vide o século IXX e o início do século XX, quando existia a Lei da Vadiagem e várias outras formas de contenção da população negra.

Precisamos estar atentos a isso. Aproveito este momento para reverberar este protesto no sentido de que as pessoas fiquem cientes do que está sendo julgado em nosso País. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido o Sr. Augusto Cardoso, de Guiné-Bissau, representante dos estudantes africanos na Bahia, aluno da Universidade Federal da Bahia, para receber das mãos da deputada Maria del Carmen essa honraria em homenagem ao professor Jaime Sodré, que não pôde comparecer a este ato, mas solicitou que fosse representado.

O Sr. Augusto Castro:- Boa-noite.

Agradeço por este momento e digo obrigado em nome do professor Jaime, que é meu pai. Aprendemos uma coisa fora que não é comum aqui na Bahia: ter pais. E eu tenho Mário Nelson e professor Jaime Sodré como pais. Quando falamos de pai, como africano que sou, não nos referimos ao conceito europeu, que é aquele de gerar e deixar, mas das pessoas que cuidam de nós, nos levam à casa deles para sentar, conversar, comer junto, nos puxam a orelha e nos mostram o caminho.

Por que falo isso? Sou formado em Administração graças à Biko. Sou daqueles que passaram pela Biko. O meu processo foi diferente dos outros africanos. Fiz pré-vestibular à noite na Biko – Jorge, você não se lembra de mim, mas eu me lembro de você –,



formei-me em Administração, sou mestre em Administração e estou fazendo doutorado em Administração. Não gosto de falar disso, porque é meramente uma coisa da academia. Sou mestre nas coisas tradicionais africanas. Isto é mais importante para mim.

O professor Sodré nos pediu para fazer isso. Estou na frente do meu amigo Eduardo Carneiro, nosso presidente da associação. (Palmas) Agradecemos à Bahia, porque aqui não me sinto africano nascido em África. Sinto-me africano na Bahia. Quando olho ao lado, vejo alguém igual a mim que para e pergunta: “Como você vai? Está doente?” E te leva para a casa dele. Esse é o jeito de ser africano.

Já andei um pouco por este mundo, mas não encontro isto em lugar nenhum. Aquela pessoa que te toca nas costas e diz: “Meu filho, como é que você está?” Este é o jeito de ser africano.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Sei que levaríamos mais tempo entregando honrarias e homenagens a educadores e contribuintes sociais. Sem dúvida alguma, essas honrarias estão muito longe de atingir a extensão plena de homens e mulheres, jovens ou de maior idade, que tem se dedicado a uma causa militante e, acima de tudo, acreditam que é possível termos uma sociedade onde as desigualdades sejam respeitadas e as ações de Estado e de governo sejam para todos e para todas.

Acreditamos que o Brasil, que tem uma origem negra, indígena e europeia, que a sua mistura ou miscigenação étnica é também refletida no acervo e na diversidade cultural, mas é preciso que possamos vivenciar essa diversidade e essa imponência que nos permite ter um país que pode ser considerado o celeiro cultural do mundo, que foi capaz de, a duras penas, preservar culturas também de matrizes africanas, de ter a convivência apurada na construção dessa real sociedade, mas agora, em pleno século XXI, é a hora e a vez de, de fato, acabarmos com as discriminações, excluirmos as intolerâncias e permitirmos que a relação interpessoal não seja fruto ou imposta por uma sociedade de domínio. Que negros, brancos, índios, mestiços, ciganos possam ter no aparato legal e na estrutura de políticas públicas o direito de acesso. É por isso que lutamos.



Como negro, não pretendo ser maior do que qualquer outra etnia. Como negro, quero ter o direito de estar na Bahia, o Estado mais negro fora da África, e poder conviver e participar em igual condição. É por isso que o dia de hoje não apenas simboliza dezoito honrarias que aqui foram apresentadas. Simboliza um dia nas nossas vidas que marca não apenas um momento de comemoração ou celebração como o Dia da África, mas que nos remete a assumirmos nossa negritude para exercemos de fato nossa cidadania e nos permitir construir dentro das nossas diferenças étnicas, dentro das nossas crenças religiosas, dentro da nossa orientação sexual, dentro do respeito aos gêneros e dentro do direito de preservar os valores culturais do nosso povo.

Em nome de uma sociedade mais justa e pela afirmação dos povos e comunidades tradicionais, esse dia é um dia especial. Ainda não conquistamos a real liberdade. No dia 13 de maio foi datada uma lei que não comemoramos porque não nos deu a plenitude de liberdade. Comemoro o dia 25 de maio, assim como comemoro o dia 20 de novembro. Espero ainda poder comemorar a extinção da escravidão, porque só posso fazer esse voto de comemoração e celebrar esse dia quando o nosso povo não precisar mais lutar por um teto, e que a moradia e o teto seja um direito constitucional e assegurado a todos. Quando o direito de propriedade for assegurado ao homem e à mulher, principalmente no campo, quando irmãos negros não sejam abatidos pela violência, seja ela do desvio social e da marginalidade ou pela ação policial, quando meninos e meninas, negros e negras não sejam assediados e arrastados para a prostituição, quando a educação não seja ainda um privilégio de poucos e que ela possa ser um instrumento de inclusão a todos.

Por isso, o dia de hoje é muito especial. Vou me furtar de nominar todos que compuseram esta Mesa, apenas agradecendo e externando a minha felicidade. Antes de mais nada, quero agradecer aos servidores desta Casa, os colaboradores dos nossos mandatos, dos deputados que aqui construíram a Secretaria de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia, a Secretaria de Políticas para a Mulheres e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este ato pudesse ter o sucesso que aqui tem.



Fiquei extremamente feliz porque conseguimos realizar nesta Casa a sétima edição da celebração do Dia de África e reafirmar que ela não se encerra neste espaço nem numa sessão especial. Ela começou como uma sessão especial em 2007 e hoje ela configura atividades que ocorrem todos os territórios de identidade da Bahia. Com palestras, debates, audiências, com a participação de câmaras municipais, de núcleos educacionais, da UFRB, da Uneb, que tem sido parceira permanente, a gente tem construído atividades e ações.

Por fim, quero agradecer a todos que contribuíram com suas presenças, aos homenageados do dia de hoje, a todas as escolas que aqui estiveram, em especial agradecer a esta Casa, que tem nos permitido realizar ações que antes não eram desenvolvidas por um conjunto de fatores que não nos cabe aqui listar, mas quero dizer que a participação do deputado Marcelo Nilo como presidente desta Casa tem proporcionado a este Poder um direito de democracia e de implementação de ações. Não poderíamos deixar de fazer esse registro.

Quero agradecer especialmente a todos os deputados e deputadas que me conduziram mais uma vez à frente desta comissão na pessoa da deputada Maria del Carmen, que era o nome que deveria ter assumido, pela rotatividade que é critério da nossa Bancada. Estou praticamente conduzindo esta comissão há seis anos. Em sete anos, fiquei apenas um ano fora desta comissão, quando estive como presidente da Comissão de Educação.

É uma satisfação muito grande poder continuar nesta comissão e quero agradecer a todos os deputados e deputadas que têm contribuído de forma ativa para que a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia possa estar proporcionando políticas e ações igualitárias, e que possamos de fato comemorar este ano, espero que em agosto ou novembro, como grande conquista das nossas lutas, a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial e Combate à Intolerância Religiosa do Estado da Bahia, fato esse que tem como aliado importante e estratégico o governo do Estado da Bahia, através do pronunciamento e das ações do governador Jaques Wagner.

Por fim, quero agradecer a todos e convidar para um coquetel que vamos fazer no Salão Nestor Duarte, onde fica a galeria dos antigos presidentes desta Casa, e convidar



também para, na segunda-feira próxima, às 9 horas, neste mesmo Plenário, outra sessão especial, que é para debatermos políticas públicas para as comunidades LGBTQT, que estaremos realizando também nesta Casa.

Por fim, não estou com o horário previsto aqui, mas às 19h41min damos por encerrada esta sessão. Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença de todos e dou por encerrada esta sessão.